



Solange Sampaio Godoy

O avô do tempo
Diário de um meteorologista
1900-1940

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós Graduação em História Social da Cultura,
do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Ilmar Rohloff de Mattos

Rio de Janeiro
Agosto de 2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Solange de Sampaio Godoy

O avô do tempo

Diário de um meteorologista
1900-1940

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº Ilmar Rohloff de Mattos

Orientador

Departamento de História-PUC-Rio

Profª Flávia Maria Schlee Eyler

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. Mario de Souza Chagas

Departamento de Museus – UNI-Rio
UFRJ

Profº João Pontes Nogueira

Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 11 de agosto de 2005.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Solange Sampaio Godoy

Museóloga formada pelo curso de Museus do Museu Histórico Nacional. Rio 1961. Graduiu-se em História na PUC-Rio em 1974. Atuou na área de museus, como professora no curso de formação, tendo trabalhado por mais de trinta anos dirigindo museus de pequeno e grande porte como o Museu Histórico Nacional (1984-1989) É consultora da área de Museus da VITAE; Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social.

Ficha Catalográfica

Godoy, Solange Sampaio

O avô do tempo : diário de um meteorologista / Solange Sampaio Godoy ; orientador: Ilmar Rohloff de Mattos. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de História, 2005.

97 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História.

Inclui referências bibliográficas.

1. História – Teses. 2. Saber cotidiano. 3. Vida cotidiana. 4. Memória. 5. Família. 6. Diário. 7. Individualidade. 8. Tempo. 9. Previsão. 10. Meteorologia. 11. Cenestesia interta. I. Mattos, Ilmar Rohloff de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

A Haydée Marcondes Godoy, minha mãe, guardiã
do diário, forte lembrança do passado.

A Luis Antonelli, meu marido, e Rodrigo e
Fernanda, meus filhos, companheiros do presente.

A Valentina, minha neta, perspectiva de futuro.

Agradecimentos

Carmem de Sampaio Ferraz, Helena Schrader, Mário de Sampaio Ferraz e Sergio Baez, pelas entrevistas informais sobre a família, assim como empréstimo de fotos antigas.

Fernanda Godoy Sampaio Fonseca, Maria Aparecida Rezende Motta, Marcia dos Santos Neves e Oswaldo Carvalho, pelo apoio permanente e palavras amigas de estímulo.

Margarida de Souza Neves e Mário Chagas, conselheiros atenciosos que muito me orientaram no momento da prova de qualificação.

Ilmar Rohloff de Mattos, meu amigo e permanente orientador nos estudos de história e em especial na elaboração da minha dissertação de mestrado.

Luis Carlos Antonelli, meu amigo e marido, companheiro incansável que não poupou esforços durante todo o processo de elaboração da dissertação.

Resumo

Godoy, Solange de Sampaio; Mattos **O Avô do Tempo: Diário de um meteorologista (1900-1940)**. Rio de Janeiro, 2005. 97 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Avô do Tempo, Diário de um Meteorologista é o título da dissertação de mestrado que teve como objeto os vinte e oito volumes de diários deixados por Joaquim de Sampaio Ferraz. A partir da documentação deixada por um indivíduo de classe média urbana, um profissional liberal, pai de família, foi possível perceber valores éticos, regras de bem-viver, saber cotidiano, saúde, dificuldades em manter uma família numerosa, construção de uma vida profissional dentro de uma especialidade que começava a se desenvolver no mundo ocidental e a se estruturar no Brasil. O tempo é o grande protagonista, a mudança do ritmo do tempo, sua aceleração sensível na época em que o autor/ editor viveu, a virada do século XX, tempo de grandes e rápidas transformações. A valorização dos diários e de outras escritas de si data de poucas décadas e vem despertando interesse e motivando a criação de organizações nacionais e internacionais; na academia os estudos ainda são relativamente raros, daí o interesse de desenvolver o tema a partir das fontes preservadas, por mais de um século, pela família Sampaio Ferraz.

Palavras-chave

Saber cotidiano, vida cotidiana, memória, família, diário, individualidade, tempo, previsão, meteorologia, cenestesia interna.

Abstract

Godoy, Solange de Sampaio. **The Grandfather of time: a journal of a meteorologist (1900-1940)**. Rio de Janeiro, 2005. 97p. MSc. Dissertation - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Grandfather of time, journal of a meteorologist, is the title of the Msc dissertation based on the analysis of the twenty-eight volumes of the journal written by Joaquim de Sampaio Ferraz from 1900 to 1940. From the documentation left by an ordinary middle class man, civil servant and urban professional, a family man, it became possible to apprehend ethical values, life style, rules for everyday life, and also to acknowledge his difficulties to develop a scientific career that was new in Brazil and modern for the world of the turn of the twentieth century, a time of rapid changes and transformation. The appreciation of journals and other types of writing of the self dates back from just a few decades and has arisen interest and motivated the creation of numerous national and international organizations. In academia the studies are still relatively rare, thus the interest in developing this issue from the sources preserved by the Sampaio Ferraz family over more than a century.

Keywords

Everyday knowledge, everyday life, memory, family, journal, individuality, time/weather, prediction, meteorology.

Sumário

1. Introdução	11
2. <i>A fit companion to a fail memory</i>	19
2.1 Um companheiro adequado para uma memória fraca	23
2.2 Um Livro de Assentos?	24
2.3 O papel do controle	28
2.4 O processo de individualização	35
2.5 Um diário masculino	46
3. O tempo não pára ...	49
3.1 O tempo: a eletricidade e o cinema	58
3.2 A aviação	62
3.3 A meteorologia	64
4. O inventário do tempo	68
4.1 A família	69
4.2 O pai	71
4.3 A mãe e os irmãos	77
4.4 Os amigos	78
4.5 A família Rocha Miranda	82
4.6 Empregados Domésticos e Vizinhos	84
4.7 Os Médicos e a Meteorologia Interna da Alma	84
5. Conclusão	89
6. Referências bibliográficas	94

Lista de figuras

Figura 1 -Joaquim de Sampaio Ferraz e sua filha Haydée (cerca de 1930)	17
Figura 2 - Contracapa do diário de 1944 escrito como livro de assentos	26
Figura 3 - Carteira de identidade de Joaquim de Sampaio Ferraz	38
Figura 4 - Retrato da família tirado em 17 de agosto de 1912	38
Figura 5 - Retrato de Haydée com 10 meses	39
Figura 6 - Retrato de Haydée com 2 anos,tirado em Bruxelas (1914)	40
Figura 7 - Retrato de Haydée com 2 anos,tirado em Bruxelas (1914)	40
Figura 8 - Retrato de Haydée com 2 anos,tirado em Bruxelas (1914)	40
Figura 9 - Retrato de Haydée com 2 anos,tirado em Bruxelas (1914)	40
Figura 10 - Retrato de Luluzinha tirado em Bruxelas	41
Figura 11 - Retrato de Nathalia de Freitas (1914)	41
Figura12 - Conjunto dos diários (31/12/2004)	44
Figura 13 - Retrato de Joaquim de Sampaio Ferraz anos 20	57
Figura 14 - Retrato de João Baptista de Sampaio Ferraz	71
Figura 15 - Aniversário de 70 anos, comemorado em Resende	79
Figura 16 - Aniversário de 82 anos	79
Figura 17 - Central Park, New York, (1920)	81

Cronos, na mitologia grega, ou Saturno, na tradição mitológica romana, é o avô do Universo e o Senhor do Tempo que a tudo devora. Um dos seus atributos divinos é a ampulheta que com suas duas concavidades sugere uma espécie de urdidura entre o abstrato e o concreto. A representação de Saturno como Senhor e controlador do tempo parece ter desafiado a imaginação artística e científica e está presente não apenas na ordem mítica, mas também na ordem do racional ou do desejo do conhecimento científico exato. Medir o tempo parece exprimir uma vontade de controlar o próprio fluir cotidiano da vida.

Mário Chagas

1

Introdução

Avô do tempo: diário de um meteorologista

La histoire sociale ne sert de textes que pour en déduire des faits et des mouvements, qui ne sont pas contenus dans les textes eux-mêmes. Des textes et les situations spécifiques qui les ont fait naître n'ont dans ce cadre de recherche qu'une fonction de référence¹.

Reinhart Koselleck

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz foi a fonte e o objeto desta dissertação de mestrado em História Social da Cultura.

A partir dos vinte e oito volumes deixados por ele e durante quarenta anos preservados por sua filha Haydée Marcondes Godoy, foi possível desenvolver o trabalho, seguindo os passos descritos por Michel de Certeau². Separei e reuni objetos transformando-os em documentos. Distribuí-os de forma diferente mudando ao mesmo tempo o seu lugar e seu estatuto.

Ainda segundo Certeau, o gesto consistiu em “isolar” um corpo, como se faz em Física, e em “desfigurar” as coisas para construí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori.

Li os diários, recolhi e selecionei fotos e documentos, separei e reuni objetos distribuindo-os de outra maneira, elegi um período determinado de tempo para trabalhar. O trabalho consistiu numa operação técnica e não apenas do efeito de um “olhar”.

Assim como o autor dos diários, fui também sua editora, na medida em que, como ele, selecionei os acontecimentos e sentimentos transformando-os em *O Avô do tempo: diário de um meteorologista* (1900-1940).

O longo período em que foram produzidos (1900-1966) me permitiu ver os diários com suas fragmentações, suas interrupções, seus silêncios e nunca como uma produção monolítica.

¹ A história social utiliza os textos para deduzir os fatos e os movimentos que não estão contidos nos próprios textos. Os textos e as situações específicas que lhes deram origem têm uma função, apenas, de referência. (tradução da autora).

² CERTEAU, M., *A Escrita da História*, p 83.

O personagem criado pelo autor evoluiu, amadureceu, envelheceu, deixou transparecer o descontínuo da vida e das emoções.

Gradualmente fui construindo o trabalho, a partir das hipóteses propostas a priori e de bibliografia sobre o assunto. Além dos diários, usei como fontes textos de autoria de Sampaio Ferraz, alguns documentos particulares, como cartas e bilhetes, assim como numerosas entrevistas informais com quatro de seus filhos: Helena Schrader, hoje aos 99 anos; Haydée Godoy, falecida em outubro de 2004 aos 93 anos; Mário Sampaio Ferraz, aos 89 anos e Carmem Bastos, aos 86 anos.

O autor é um meteorologista, um homem introvertido, um cientista que levou a vida voltada para os estudos. Nasceu em 28 de novembro de 1882, no Rio de Janeiro, era filho de João Baptista de Sampaio Ferraz, bacharel em Direito, promotor público, duas vezes chefe de polícia do Governo Republicano e deputado em duas legislaturas. Sua mãe, Elisa Vidal Leite Ribeiro, era filha de Joaquim Vidal Leite Ribeiro, Barão de Itamarandiba, homem de posição de destaque na sociedade imperial.

A formação de nível médio de Joaquim de Sampaio Ferraz foi feita no colégio Universitário Fluminense no Rio de Janeiro e no Ginásio Mineiro em Barbacena, Minas Gerais, tendo completado a mesma na Inglaterra, no Saint Edmund's College, Hertfordshire (1895). Fez sua formação técnica (curso de engenharia civil) no Merchant Venturer's Technical College, Bristol, na Inglaterra (1896-1900). O estágio foi feito na Western Electric Company, em Chicago (1901-1903), numa área pioneira de engenharia elétrica.

Engenheiro-auxiliar na construção das obras do porto do Rio de Janeiro, com a firma empreiteira C. H. Walker & Cia. (1904-1907), trabalhou também na construção das obras do porto de Belém, Pará, com a firma empreiteira S. Pearson & Co. (1907-1908).

Entrou para o Observatório Nacional, no Rio de Janeiro em 1909, no posto de assistente de segunda classe (Meteorologia), função inadequada à sua qualificação profissional, só tendo sido promovido após viagem de especialização e permanência prolongada em Bruxelas, onde publicou *Instruções meteorológicas*, em dois volumes, em 1914.

Foi o iniciador das primeiras cartas sinóticas brasileiras e de previsões do tempo racionais para o Rio de Janeiro, em 1915. Dirigiu o novo e o autônomo Instituto de Meteorologia, criado em 1921, no governo de Epitácio Pessoa,

aposentando-se precocemente em 1931. Trabalhou como consultor metereológico das companhias do grupo Light de 1936 a 1962. Foi também consultor técnico de climatologia dos Conselhos, Nacionais, de Geografia e Estatística, de 1938 em diante. Foi membro de diversas comissões da Organização Meteorológica Internacional.

Publicou numerosos trabalhos científicos na área de sua especialização, sendo os mais importantes:

- *Segundo Ano Polar Internacional - Projeto de Cooperação do Brasil*, pelo Ministério da Agricultura, em 1931. Trabalho que lhe valeu a distinção e o reconhecimento ao dar o seu nome a uma ilha na Antártica.
- *Meteorologia Brasileira*, da Coleção Brasileira, pela companhia Editora Nacional, 1ª edição, em 1934.
- *Solar Activity and Rainfall in Southeastern-Brazil*. Memória apresentada no XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado em agosto de 1956, no Rio de Janeiro e publicada no 2º volume dos Anais do Congresso, distribuído em 1964³.

De seus gabinetes de trabalho descreveu a vida tentando controlar o tempo nas páginas de seus diários.

Ao analisarmos a obra como um todo, percebemos a modificação do dimensionamento do “campo de experiência e do horizonte de expectativas” ao longo dos 66 anos trabalhados.

Segundo Reinhart Koselleck, campo de experiência e horizonte de expectativas são categorias históricas que, entrecruzando, como o fazem, passado e futuro, estão perfeitamente aptas a “tematizar” os tempos históricos. Trata-se de categorias de conhecimento capazes de ajudar a fundar a possibilidade de uma história constituída por experiências vividas e expectativas dos homens no decorrer de suas vidas.

Categorias como campo de experiência e horizonte de expectativas foram empregadas na elaboração do trabalho, assim como o conceito de prognóstico, presente em todos os diários.

³ As notas biográficas foram deixadas pelo autor dos diários devidamente datilografadas.

Além de escrever metódica e disciplinadamente, prevaleceu a preocupação de Sampaio Ferraz em ordenar os volumes, fazer remissivas, articular os diários com outras formas de arquivamento da memória, além de sublinhar e censurar algumas passagens.

A importância dos diários e outras escritas de si, como objeto de História Social, data de poucas décadas. No Brasil, podemos balizar o debate gerado pelo assunto a partir do Seminário Internacional sobre arquivos pessoais, realizado em 1997 e promovido pelo Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Especialistas de várias formações produziram textos que foram mais tarde organizados e publicados por Ângela Castro Gomes (2004)⁴.

A motivação pelos diários vem originando o aparecimento de organizações nacionais e internacionais voltadas para a “memorialística diarística” e a autobiografia, como é o caso do Archivio Diaristico Nazionale, em Pievi, na Itália, e da Associação Européia para Autobiografia (ACA), fundada em 1998.

Cartas, diários íntimos e memórias ganharam um reconhecimento e visibilidades maiores, tanto no mercado editorial como na academia, mas ainda são poucos os estudos que se dedicam à reflexão sistemática sobre o tema no Brasil.

Pierre Nora considerava, já em 1984, que os diários eram a possibilidade de ter acesso ao cotidiano do passado, o único meio de nos restituir a lentidão da vida e o sabor das coisas. “Como não ler nessas bulas do passado que nos fornecem tantos estudos de micro-história a vontade de igualar a história que reconstituímos à história que vivemos?”⁵.

Agnes Heller desenvolve em *Sociologia de la vida cotidiana* um trabalho consistente em que conceitua em sua primeira parte: vida cotidiana, homem particular, motivações particulares, individualidade.

Segundo ela:

⁴ GOMES, A. C. (Org.), *Escrita de si, escrita da história*.

⁵ NORA, P., *Entre memoire et histoire: la problématique des lieux*, p. 28. In: *Les lieux de memoire*.

“Ninguna sociedad puede existir sin que el hombre particular se reproduzca, así como nadie puede existir sin reproducirse simplemente. Por consiguiente, en toda sociedad hay una vida y todo hombre, sea cual sea su lugar ocupado en la división social del trabajo, tiene una vida cotidiana. Sin embargo, esto no quiere decir de ningún modo que el contenido y la estructura de la vida cotidiana sean idénticos en toda sociedad y para toda persona”⁶.

Assim, acreditamos que, ao desenvolver esta dissertação de mestrado a partir de um diário, esteamos contribuindo para desvendar um pouco mais sobre a riqueza da fonte e também a possibilidade de trabalhá-la, aprofundando o conhecimento da vida cotidiana de um indivíduo e de sua época.

Houve uma preferência em pôr em destaque o período de 1900 a 1940, fase do autor em que ele mostra sua vitalidade, sua vontade de intervir na vida, em alavancar com seu trabalho a sociedade para o progresso.

Neste período o campo da experiência é um campo em construção que cruza com um amplo horizonte de expectativas não apenas no plano pessoal, mas também tendo em vista o tempo em que viveu.

O início de sua vida profissional coincide com a virada do século XX, época de grandes transformações. A escolha pela meteorologia diz muito a respeito dos conceitos de tempo, controle, precisão, rigor científico, prognóstico e previsão.

O futuro para a geração de Sampaio Ferraz está marcado pelo conceito de progresso; o horizonte de expectativas se alarga e se instrumentaliza com planejamentos de curto e médio prazo.

Em meados do século XX, o mundo mudou, as perspectivas são outras e o autor enfrenta a velhice com a energia diminuída pelos anos e pelas dificuldades e pelas decepções.

Procuramos entender os diário de Sampaio Ferraz como uma evidência no processo de individualização, em que diversos tempos se entrecruzam, determinam o cotidiano e fazem parte do controle da vida.

⁶ “Nenhuma sociedade pode existir sem que o homem particular se reproduza, assim como ninguém pode existir sem simplesmente reproduzir-se. Por conseguinte, em toda sociedade há uma vida e todo homem, seja qual for o lugar que ocupe na divisão social do trabalho, tem vida cotidiana. No entanto, isso não quer dizer que o conteúdo e a estrutura da vida cotidiana sejam idênticos em toda a sociedade para todas as pessoas” (tradução da autora). HELLER, A., *Sociologia de la vida cotidiana*.

Agnes Heller considera que o tempo e o espaço da vida cotidiana são antropocêntricos. O tempo particular é um tempo linear, tempo de nossas vidas cotidianas, influenciadas pelo tempo público e pelas mudanças no ritmo do tempo.

Segundo Ágnes Sélzer:

“La aceleración del ritmo histórico hace, ante de todo, que la vida de los hombres dentro de una generación (a veces incluso más frecuentemente) se transforme, que hombre en el curso de su vida se halle frente a situaciones cada vez nuevas⁷”.

Uma das hipóteses desenvolvidas é a de que o autor teve a intenção de fazer mais que um livro de assentos ou “um companheiro adequado para uma memória fraca”, como poderia parecer à primeira vista. Pretendeu através desta *escrita de si* ou *escrita da prima persona* registrar a vida como forma de controlar o tempo. Controlar o tempo de sua vida, dos seus familiares, e, por opção profissional, o tempo atmosférico.

O diário é um retrato posado do personagem construído pelo autor/editor com o qual buscou perpetuar-se para a sua família; ele, seus valores, seu saber cotidiano.

A outra hipótese desenvolvida é de que o diário reflete a cenestesia interna ou a busca por uma meteorologia interna do corpo.

O primeiro capítulo fala das razões mais genéricas que motivaram o desenvolvimento da escrita de si, no caso, os diários.

O segundo trabalha a questão do tempo, os tempos do diário, a vertigem do tempo e a tomada de consciência de sua aceleração na virada do século XX, quando o diário de Sampaio Ferraz começa a ser escrito.

O terceiro e último capítulo faz um inventário do tempo, do que foi possível aprofundar no estudo das redes de sociabilidade.

Ler os diários, fazer deles objeto de estudo, significa uma oportunidade para contribuir um pouco mais para a construção de uma História Social do século XX no Brasil, através da escrita de si de um cidadão urbano, de classe média, profissional liberal, funcionário público, pai de família.

O grande desafio, contudo, foi sempre procurar estabelecer um distanciamento das fontes e objetos de estudo.

⁷ A aceleração do ritmo histórico faz com que, antes de tudo, a vida dos homens dentro de uma geração (às vezes mais frequentes) se transforme, o homem no decorrer de sua vida se coloque em situações cada vez mais novas. (tradução da autora). HELLER, A., *Sociologia de la vida cotidiana*, p 644.

De acordo com Ginzburg, é necessária a “distância”, a presença da noção de “estranhamento”, uma espécie de antídoto contra a banalização da realidade a que se está sempre sujeito e que parece estabelecer uma rotina do cotidiano.⁸

No nosso caso foi ainda mais difícil manter este distanciamento recomendável, na medida em que se tratava de um objeto muito conhecido e carregado de significado afetivo.

O processo de individualização, vivido ao longo do século XX, fez com que se desenvolvessem práticas culturais que ajudaram o homem moderno a construir e preservar a sua identidade. Os diversos tipos de práticas culturais, tais como elaboração de autobiografias, diários, recolhimento de fotos e/ou cartões postais e até mesmo objetos do cotidiano, foram aceitos, desenvolvidos e transformados na medida em que permitiam construir a história do indivíduo e do grupo a que pertencia.

Sempre houve homens-memória e mulheres-memória, cuja função primordial consistiu em manter viva a lembrança daquilo cujo esquecimento acarretaria a morte.

No caso desta família, foi sua filha Haydée (figura 1) quem desenvolveu esta função, preservando o diário de seu pai, Joaquim de Sampaio Ferraz, e protegendo fotos, documentos e objetos que contavam muito da sua vida, verdadeiros *churinga*⁹ da família.

Ela própria era uma exímia contadora de estórias; dizia sempre que o passado recente podia ser apagado, esquecido, mas que os anos mais recuados de sua vida tinham se mantido quase que intactos.



Figura 1 - Joaquim de Sampaio Ferraz e sua filha Haydée

⁸ GINZBURG, C., *Olhos de Madeira; nove reflexões sobre a distância*. p. 98.

⁹ Citação de Celso Castro: “O objeto físico preservado, o caderno em si, e não apenas o seu texto transcrito em outros suportes, possivelmente tinha a mesma função que Levi-Strauss atribuiu a *churinga*, objetos de culto dos aborígenes australianos que representam a reencarnação do antepassado”.

Conseguiu interessar-me pelos acontecimentos familiares dando sempre um colorido próprio e exercendo a censura na sua narrativa e a fidelidade aos segredos imperscrutáveis.

Enquanto os irmãos temiam o diário pelo que ele poderia conter, ela se animava com um trabalho que pudesse através do mesmo ser construído.

O seu último ano de vida foi amenizado no sofrimento que lhe acarretou, com as conversas intermináveis, enternecedoras, que tanto me ajudaram a entender o autor/personagem do diário.

Assim, houve sempre um diálogo entre autor do diário que viveu por escrito e de sua filha, aquela que se lembrou. Houve uma intermediação de Haydée Godoy, o trabalho de seu pai, que zelosamente protegeu e valorizou, e o meu. Coube a mim, sua filha, “a tarefa interminável de fazer da memória a arte de dizer da vida”¹⁰.

¹⁰ Com essa frase Margarida de Souza Neves termina o capítulo *As artes da memória: A modo de Post-Scriptum*. do livro *Refúgios do eu, educação, história, escrita autobiográfica*, na página 236.

2

“A fit companion to a fail memory”

É na palavra escrita que há a garantia da imortalidade...¹

O que leva a se escrever um diário, a disciplinadamente se anotar dia após dia os acontecimentos do dia que acabou?

O que move um homem ou uma mulher a se despir a cada noite de suas angústias, de seus sentimentos mais íntimos?

O que garante que o autor busca uma interlocução consigo mesmo, através do diário, como se este materializasse uma meditação escrita, profunda ou superficial, uma verdadeira catarse, traço, vestígio, evidência do que marcou o autor a ponto de levá-lo a registrar?

Seria o diário um refúgio no papel para aqueles que não podiam nem queriam recorrer ao padre confessor da Igreja Católica?

Evaldo Cabral de Mello² chama atenção para este fato. George Gusdorf³ dá esta mesma explicação servindo-se de textos autobiográficos produzidos em países católicos e protestantes. Enquanto a consciência poderia ser aplacada pela intermediação do confessor, através da palavra e da penitência da Igreja Católica, para os demais restavam as escritas de si para ajudar a drenar as angústias e incertezas. Gilberto Freyre⁴ comparara essa diferença de comportamento, em relação a fazer ou não diários, na sociedade escravocrata sulista norte-americana e na brasileira no decorrer do século XIX.

A solidão, o processo de individualização, o auto-exame de consciência, a vontade de deixar um retrato posado para fazer face à impermanência; qual desses motivos ou quantos deles levam à elaboração de um diário?

¹ Transcrito do diário de Joaquim de Sampaio Ferraz, v. 9.

² MELLO, E. C., *Fim das casas-grandes*. In: ALENCASTRO, L.F.(Org.), *A história da vida privada no Brasil*, v. 2, p. 386.

³ GUSDORF, G., *Les ecritures de moi*, p. 62.

⁴ FREYRE, G., *Casa-grande & senzala*, p. LXVI.

Só uma vida metódica, rotineira, introspectiva, somada à vaidade, à preocupação com a leitura que será feita de si após a sua morte, justificaria tal prática.

A escrita auto-referencial ou escrita de si, segundo Ângela de Castro Gomes, integra um conjunto de modalidades que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. “Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da idéia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos⁵”.

A escrita de si, a escolha do olhar para si mesmo como tema principal de uma elaboração discursiva, como um diário, leva a reflexões e considerações.

Philippe Levillan⁶ (1988) considera o interesse despertado pelos diários, bem como pelas autobiografias, um dos fatores que muito contribuíram para a valorização do gênero biográfico, tanto quanto a própria historiografia, tal qual ela se verifica a partir dos anos 80.

Segundo Alain Courbin⁷ (1991), “o diário é, para começar, e talvez acima de tudo, uma prática”, um exercício íntimo de vivências mais significativas; Courbin pressupõe que seja a versão do diarista sobre os acontecimentos de sua época.

José Vieira Couto Magalhães⁸ (1837-1898) deixou em seu *Diário Íntimo*, escrito durante alguns anos de sua vida, provavelmente entre 1880 e 1881, em Londres, e entre 1886 e 1887, em São Paulo, alguns subsídios importantes para a valorização do estudo dos diários.

Maria Helena Machado, em uma edição de 1998, chama atenção para o fato de ser o diário um tipo de documento praticamente inexistente, ou ao menos muito raro, na História do Brasil.

⁵ GOMES, A.C., *Escrita de si, escrita da história*, p. 10.

⁶ LEVILLAN, P., *Les protagonistes de la biographe*. In: Rémond, R. *Pour une histoire*.

⁷ COURBIN, A., *O segredo do indivíduo*. In: PERROT, M (Org.), *História da vida privada. Da revolução francesa à primeira guerra*.

⁸ MAGALHÃES, J. V. C., *Diário íntimo*.

Refiro-me ao diário pessoal e íntimo que, contrariamente à popularidade alcançada pelo gênero na Europa Ocidental e nos Estados Unidos no século XIX, sempre escassearam em nossa sociedade. Pouco afeita às letras em geral, e menos ainda à valorização do registro pessoal e de reflexão íntima, foi apenas tardiamente, em tempos mais modernos, via psicanálise, que a sociedade brasileira viu vulgarizar-se a escrita do diário enquanto gênero, o que por si só justificaria a transcrição, anotação e divulgação do diário de um indivíduo da segunda metade do século XIX ⁹.

Couto de Magalhães foi contemporâneo de Joaquim de Sampaio Ferraz. Embora com trajetórias de vida muito diferentes, seus diários possuem pontos de aproximação, sendo bastante significativo o fato de ambos terem vivido na Inglaterra praticamente no mesmo período. Poderiam ter sido influenciados em sua permanência no exterior por um hábito que se expandia lá; poderiam ter sido tocados pela solidão e pela distância da casa. Foram durante um certo período, estrangeiros. Puderam assimilar língua, cultura, hábitos e costumes estranhos à realidade brasileira em que viveram. Estrangeiraram-se.

No caso de Joaquim de Sampaio Ferraz ficariam traços indeléveis ligados ao planejamento da vida cotidiana e um rigor extremo com a pontualidade.

Segundo Maria Helena Machado todo entendimento da vida era encontrado nos livros e no conhecimento racional. “Há pouco espaço, senão nenhum, para o acaso e para o mundo da fé¹⁰”. São homens que pertenceram a um tipo de elite intelectual específico: a elite intelectual do espírito, aristocracia do conhecimento sem nenhuma identificação com as respostas dadas pela fé.

O que contou para esses aristocratas do espírito foram respostas racionais às suas indagações existenciais.

No caso de Joaquim de Sampaio Ferraz houve sempre um interesse pela história das religiões, como atestava sua biblioteca com muitos títulos sobre o assunto. Na sua mocidade faz referências a Deus em seus diários, mas, adulto, nunca comungou com nenhuma delas.

⁹ MACHADO, M.H. P. T., *Diário Íntimo de José Vieira Couto de Magalhães*, apresentação.

¹⁰ FIGUEIREDO, B.G., *Memorialistas e as idéias de civilização no Brasil: Diário íntimo e minha vida de menina*. In: *Congresso Luso-brasileiro Brasil/Portugal: memórias e imaginários*, v. 1, p. 21.

Segundo Maria Helena Machado o autor de diários em geral é:

Escritor compulsivo e minucioso no dia-a-dia, metódico nos apontamentos pessoais, a respeito de sua contabilidade, atividades sexuais, doenças e incômodos. Couto de Magalhães procurava esclarecer, com a crônica do cotidiano a análise acurada dos fatos diários, um mecanismo de compreensão e de controle de sua vida pessoal ¹¹.

Nesta medida, há enorme aproximação com Joaquim de Sampaio Ferraz, extremamente metódico, procurando sempre domesticar o tempo, vencer seus imprevistos e ansiedades.

Ambos se preocupam em detalhar suas economias: Couto de Magalhães é um homem rico e aos 40 anos faz as seguintes reflexões:

Tomando a vida humana pela medida dada por Moisés, isto é, três vintenas de dez, a saber, setenta anos, temos: eu não considero ter vivido os treze primeiros anos da minha vida; não considero igualmente que se viva depois dos 65 anos; por conseguinte tenho vivido trinta anos e restam-me a viver 27, se eu chegar aos setenta; deduzindo destes os cinco, restam líquidos 22, que a 24 contos por ano custarão 480 contos. Ora, o capital dinheiro que possuo hoje dá para muito mais e, portanto, o que falta é o tempo e não o dinheiro.

É um prognóstico sobre sua vida e de seus recursos financeiros baseado em cálculos matemáticos.

Joaquim de Sampaio Ferraz foi um homem que lutou com os problemas de dinheiro a vida toda. Filho de mãe rica e pai remediado vai passar a vida buscando solução para atender as necessidades da família grande que constituiu. Funcionário público e, depois da aposentadoria, prestador de serviços da LIGTH, procurou através de orçamentos apertados, que são transcritos no diário, sobreviver modestamente.

O outro ponto de aproximação dos diários deixados pelos dois é a preocupação com os assuntos ligados à saúde e aos diagnósticos e tratamentos. Ambos são minuciosos na descrição pormenorizada dos sintomas.

Couto de Magalhães transcreve, no período em que morou em Londres, ocasião em que, buscando o financiamento para a estrada de ferro Minas and Rio Railway Ltd, os sintomas que detecta em seu organismo, assim como remédios de que faz uso e dietas que ele mesmo prescreve. Refere-se a autores clássicos no trato da saúde e faz considerações e observações sobre os resultados obtidos.

¹¹ MACHADO, M.H. P. T., *Diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães*, p. 22.

Joaquim de Sampaio Ferraz analisa os diagnósticos feitos pelos médicos, chamados com frequência para atender a toda a sua família. Tece considerações sobre erros e acertos, e anota comentários nas prescrições médicas arquivadas. Em alguma delas chega a escrever em vermelho: *inservível*. Em ambos há preocupação constante com o sistema nervoso. Couto de Magalhães chega a fazer um diário dos sonhos onde descreve os mesmos por um determinado período enquanto está em Londres ¹².

Para Sampaio Ferraz, o diário é o relato sistemático e cuidadoso das ocorrências do cotidiano, uma tentativa prolongada de controle do tempo.

2.1

Um companheiro adequado para uma memória fraca

A fit companion to a fail memory, seria um bom motivo para se escrever 32 volumes de um diário que atravessou 66 anos com pequenas interrupções?

Um companheiro adequado para uma memória fraca, mas capaz de organizar a vida sob três formas de documentação, todas com nexos e entrelaçamentos controlados.

- O diário registrou a vida cotidiana, o ir e vir da família, os acontecimentos privados e indexou as referências com o arquivo de documentos da vida profissional.
- O arquivo guardou correspondências do trabalho, escrituras, registros ligados à vida pública.
- A hemeroteca, construída da leitura e recorte diários de dois ou três periódicos, guardou de forma sistemática e organizada os assuntos de seu interesse.

Dessas três formas de registrar a vida, os acontecimentos, sobrou o diário, escrito na certeza de que seria lido e que, mais *que um companheiro adequado para uma memória fraca*, seria uma fonte de informações que o autor privilegiou, selecionou, elegeu, omitiu ou mesmo censurou fazendo desaparecer partes, no

¹² “Estar tranqüilo a respeito do futuro é uma questão que depende mais do estado dos nervos do que de qualquer outra coisa”. MACHADO, M.H. P. T., *Diário Intimo de José Vieira Couto de Magalhães*, p. 69.

momento de uma arrumação final. Ele foi, na verdade, um editor desta escrita fracionada que expressava uma trajetória de vida e a construção de um personagem, o dono dos diários.

As três formas foram utilizadas por Joaquim de Sampaio Ferraz na construção de sua memória individual.

Segundo Ângela de Castro Gomes:

No que se refere à memória [com desdobramentos para a história], passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual “comum” e não apenas de grupo social/nacional ou de “grande” homem (político, militar, religioso). Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da acertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias através do tempo, sem que tal dinâmica torne falsa (muito pelo contrário) uma “unidade do eu” de uma identidade¹³.

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz é, sem dúvida, uma representação do seu autor e do mundo e oferece mais de seis mil páginas da trajetória de uma vida inteira. As transformações sensíveis do autor/sujeito, verificáveis pela mudança na caligrafia, no ritmo e regularidade com que escreve, nos temas que privilegia, no aumento da angústia e do desalento, é fonte rica para a análise do indivíduo múltiplo e mutante, que luta em ordenar o tempo e construir sua própria identidade. O diário mostra uma escrita fracionada que vai se modificando com a vida.

2.2

Livro de assentos?

Outra forma de definir a origem do diário, objeto de nossa análise, seria ver nele a intenção do autor em elaborar *um livro de assentos*. Evaldo Cabral de Mello identificou como livros de assentos:

Pequenos cadernos em que o chefe de família anotava os principais acontecimentos da história doméstica (casamentos, nascimentos, batizados e falecimentos) no propósito eminentemente prático de dispor da correspondente informação em face da precariedade dos registros¹⁴.

¹³ GOMES, A. C., *Escrita de si, escrita da história*, p. 12-13.

¹⁴ MELLO, E. C., *Fim das casas-grandes*. In: ALENCASTRO, L.F. (Org.), *A história da vida privada no Brasil*, v. 2, p. 387.

Mais do que um livro de assentos, o diário valorizou o papel da família do autor, definindo as redes de convivência e solidariedade tecidas ao seu redor. Ele se preocupou em anotar nascimentos, mortes, casamentos, chegando a fazer quadros com todos os dados acima referidos, mas não só (figura 2). Anotou as providências tomadas na busca de um emprego, cartas para amigos do pai e do sogro, ambos com projeção política ou financeira, dispondo de rede de conhecimentos e relações sociais capazes de ajudá-lo nesse momento difícil de 1907 em que, recém casado, teve que enfrentar o sustento da família, que começava rapidamente a crescer.

Falecimento de Maria 15 Janº 1951; de Maria meu irmão em 22 Dezº 1953. Aniversário

					Idade em 1944
Joaquim	28 de Nov. 1882				62 anos
Rula	5 de Dez. 1885	gm	hubs		59 "
Helena	24 de Dez. 1905	23	20		39 "
Meloisa	22 de Março 1907	25	22		37 "
Albert	24 de Abril 1908	26	23		36 "
Maria Luiza	6 de Dezº 1909	27	24	terça	35 "
Naydes	19 de out. 1911	29	26		33 "
Maria	21 de Dez. 1916	34	31		28 "
Carmen	14 de Junho 1919	37	34		25 "
Liliana	16 de Nov. 1929	47	44		15 anos
Henrique (apto)	18 de Maio 1930	48	45		14 "
Sergio	16 de Nov. 1931	49	46		13 "
Ju. Hermo	15 de Junho 1933	51	48		11 "
Solange	x 16 de Setº 1940	58	55		4 "
Nelson	24 de Nov. 1942	69	57		2 "
Vera	14 de Março 1943	60	58		1 ano
George	6 de Junho 1943	60	58		1 ano
Candida (apto)	6 de Dezembro 1944	62	59		
Enrique Baiz	9 de Junho 1898				46 anos
Enrique Baiz	23 de Maio 1900	14	14	14	44
Henrique Baiz Filho	10 de Junho 1904				40
Dora	22 Abril 30 de out. 1908?				36
Enrique Baiz	1 de Maio 1910	72	70	3	25
Henrique Baiz Neto	6 de Outubro 1955	72	70		
Maria Luiza	x 16 de Setembro 1945	62	60		
Otto Schandorff	29 de Abril 1917	72	70		26 em 1946
Octavio (de Liliana)	8 de Março 1950	67	65		
Alberto (segundo filho de Liliana)	4 de Maio 1954	71	69		

Figura 2 – contracapa do diário de 1944 escrito como livro de assentos

Ele relaciona as cartas de apresentação, feitas na busca de uma colocação profissional. As anotações sistematicamente organizadas lembram as de um livro de assento onde ficam evidenciadas as redes de sociabilidade ligadas ao pai e ao sogro.

De Dr. Raul para Dr. José Maria Rodrigues Pereira; de Sr. Cavallero para Manoel Coelho de Souza, despachante Geral da Port. of Pará; do Sr. Guimarães ao Dr. Chermont do Loyd Brasileiro; do primo Domingos Sampaio ao Senador Antonio Lemos e ao Dr. Edgar Gordilho; do Sr. Francisco Campos ao Dr. Cypriano Santos, diretor do jornal Folha do Norte.

Na trajetória do cotidiano, essas redes foram tecidas e ajudaram a definir os acontecimentos e, mais do que isto, elas ajudaram a definir o sujeito e suas circunstâncias.

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz teve a função de testemunho ritualístico; como um livro de família, mais do que *um livro de assentos*, ele procurou documentar a vida de um chefe de família, seus compromissos e envolvimento com todos os seus membros.

Como os patriarcas do seu tempo, ele nutriu um desejo, uma obstinação, de agregar os seus em torno de sua casa, por mais modesta que fosse.

A casa não é um espaço arquitetônico, é mais do que isto – é um conceito. Segundo Agnes Heller, a casa é um ponto fixo no espaço, um ponto de onde partir e para onde voltar sempre. A casa não é simplesmente o edifício, a moradia da família; onde os membros se encontram e ou buscam notícias ou referências dos demais. “Ir a casa significa mover-se en la dirección de un punto fijo en el espacio donde nos esperan cosas conocidas, habituales, la seguridad y una fuerte dosis de sentimiento¹⁵”.

O diário reflete esta movimentação permanente em torno do casal. Todos passam, nem que por minutos, para visitá-los. Quando não, telefonam dando notícias que são multiplicadas para os demais. Assim ele ampliou as funções do livro de assento, registrando as datas marcantes, como batizados e casamentos, mortes, as notícias de doenças, viagens, separações, crises de filhos, filhas e membros dessa comunidade solidária.

¹⁵ Ir a casa significa mover-se na direção de um ponto fixo no espaço onde nos esperam coisas conhecidas, habituais, a segurança e uma forte dose de sentimento (tradução da autora). HELLER, A., *Sociologia de la vida cotidiana*, p. 635.

Mais do que um testemunho minucioso da vida da família, foi um controle da dinâmica da mesma. Tudo foi devidamente registrado: doenças e seus tratamentos, não apenas do autor, mas também dos filhos e netos; Comentários sobre as medicações, médicos e seus diagnósticos; participação de Sampaio Ferraz não apenas opinando, mas também aplicando injeções, avaliando a eficácia e a propriedade dos remédios receitados.

A preocupação com a família, o alto grau de comprometimento é uma prioridade sua, mas não particular. Evaldo Cabral de Mello¹⁶ exemplifica tal “obsessão” com o caso do senhor de engenhos e político dos últimos anos do Império e primeiro decênio da República, João Joaquim da Cunha Rego Barros, de quem João Alfredo era genro. Para estes homens e tantos outros de sua geração, é dever do chefe de família velar pela sua união e manter estritos os vínculos de solidariedade e convivência.

2.3

O diário como forma de controle

O diário é um instrumento de controle, controle do tempo e, sobretudo, controle da vida.

Do grupo familiar espera-se que consulte o chefe de família como a um oráculo, e de sua autoridade e sabedoria, emanam ou deveriam emanar todas as decisões, não apenas em matéria de saúde e doença, mas de educação dos filhos e netos, área em que a sua palavra deve ter o valor de verdade inquestionável.

Como se não bastasse a atitude, fica o diário como documentação disponível para o futuro, onde está evidenciada, através de seus relatos, sua atitude severa e rigorosa com a família, disfarçada num tratamento de *você*, bastante próximo e cordial.

Não se pede a benção, como no costume da maioria das famílias de sua época. Não se dá o tratamento de senhor, considerado então o mais adequado, mas se identifica a autoridade inquestionável do chefe da família, e não por razões de domínio econômico, pois os filhos e filhas chegaram a ter condições de vida e de conforto doméstico muito superior aos pais, que sempre moraram na própria

¹⁶ MELLO, E. C., *O fim das casas grandes*. In: ALENCASTRO, L. F. (Org.), *História da vida privada*.

repartição (espaço do trabalho adaptado para residência), ou em casas alugadas, modestas e algumas vezes já mobiliadas.

O diário é esclarecedor não apenas pelo que narra, mas pelo que cala. Há um tom ressentido quando por algum motivo ele não é ouvido e acatado nas suas opiniões. Incidentes atestam o grau de intervenção e a inconformidade com a recusa dos filhos em acatar os conselhos:

A Emita que nunca se mostrou verdadeiramente interessada no emagrecimento do Mário, fez pouco desses conselhos embora mais pela atitude que por palavras, e acabou irritando-me. Por fim ela disse que melhor de tudo seria procurar um médico. Eu lhe retruquei, já bem agastado, que, em primeiro lugar se devia andar certo, revendo tudo que estivesse errado. Se isto não lograsse uma melhora, então que procurasse o médico. Não concordou. Disse-lhe que contra o meu interesse material e o do coração no tocante a saída do atual apartamento. Em outro mais afastado, ele não me prestaria mais os favores diários de encomendas, cartas etc., além de perdê-lo de vista. Enfim, a menina irritou-me [a nora tinha então 22 anos] repito menos por palavras que pela resistência passiva evidentíssima, e certa teimosia em questões sobre as quais não deveria dar opinião, por ser criança e ignorante. Fiz ver-lhe a pureza da intenção de meus conselhos, que se não comparava com o seu próprio, mas visando a sua pessoa e a sua família. Deixou-nos choramingando. Não gostou, de certo, de minhas palavras frias, amargas e enérgicas. Mas também não viu atrás delas o coração de pai, receoso, muito receoso do caminho pelo qual vai seguindo a saúde do filho.

Quem me ler mais tarde, estranhará que eu perca tempo escrevendo essas coisas. Estas últimas páginas correm exclusivamente por conta da saúde do Mario. O mais aprendi a não ligar...

E quando se luta pelo Bem, se o modo é forte, esconde a intenção para só ver o modo. Na vida o mal conformado prepondera, e para este o modo é tudo. Pois ele vence! Mas vence justamente porque na sua ótica a intenção se esconde e o modo é para se ver, e para convenção. É inútil resistir à corrente ¹⁷.

Este incidente não é o único descrito, mas é bastante significativo e dá a medida do interesse, mas também do controle sobre os filhos que procuraram morar por perto, no mesmo bairro, e freqüentavam sua casa quase que diariamente. A nora de 22 anos é vista como uma criança ignorante que não devia externar sua opinião ou sequer tê-la. Ele era o homem culto, de sólida formação, com muita leitura e viagens, daí o peso de suas opiniões.

Do patriarca emana toda sabedoria, e neste caso, saber. A sua autoridade é um desdobramento da sua estatura moral, severa, *impoluta* como ele mesmo

¹⁷ Anotações feitas no diário de 11 de janeiro de 1941.

chamou; daí decorre a anotação feita no alto da página e em vermelho: “Importante”.

Apesar do valor que dava ao conhecimento, ele jamais esteve preocupado com a instrução superior para os filhos, que nunca tiveram oportunidade; os homens foram trabalhar na firma dos parentes ricos: os Rocha Miranda, antes de completarem 18 anos, as moças casaram cedo, com exceção de Helena, a filha mais velha. Tanto ela como Haydée, que ficou viúva aos 19 anos, trabalharam fora. Helena, como secretária da representação da United Artists, Haydée na Companhia de Cigarros Souza Cruz.

Há aqui e em muitas outras ocasiões um discurso moral, normas de conduta ética, registro proposital de sua maneira de pensar e de suas intenções. O controle é visto como uma forma de amar, de se interessar *pelo bem do outro*, mesmo que gere tensões e desentendimento. O enfoque sobre a luta existente entre o modo e o objetivo parece ter sido uma preocupação constante, retomado em muitos momentos e servindo para justificar muitas atitudes severas e mesmo ríspidas.

Ele se considerava um homem liberal e expressava essa liberalidade aceitando desquite, separação, novo casamento, união e, até mesmo, interesses fora do casamento, quando se tratava dos filhos.

Na política, foi sempre conservador, simpatizante do integralismo, tomou o lado dos alemães no início da Segunda Guerra Mundial.

Anotou no diário de 27 de maio de 1940:

A Segunda Grande Guerra – consequência da primeira, e que eu antecipara, quando dissera que algum dia o espírito alemão ressurgiria para novo ajuste de contas – ganhou este mês de maio aspectos terríveis. Em setembro de 1939 a Alemanha conquistou a Polônia, em abril 1940, conquistou a Noruega, e agora, em menos de um mês, invadiu a Bélgica e a Holanda, vencendo ambas, e encurralando enorme exército anglo-francês no nordeste da França. Parece o caminho da vitória final, que bem merece o germânico, diante das injustiças que tem sofrido.

Todos os governos são pecadores. No concerto mundial, nos últimos decênios, as maiores faltas foram praticadas pelos anglo-franceses, merecendo, pois um chega. Opõe-se-lhes os alemães, mais fracos, mais antipáticos, porém os mais perseguidos.

As aparências e a hipocrisia de seus adversários roubam-lhes o apoio da maioria do mundo anglo-saxônico e latino, porém o exame mais profundo e imparcial das lutas políticas que antecedem as duas grandes guerras nos conduz claramente para o seu lado. Se erro assim pensando, o próprio futuro será mais incômodo, acerto no presente pelo menos.

Estar com os aliados é persistir em outro erro, velho erro, sem nenhum interregno de justiça.

O futuro mostrou-lhe uma realidade diferente, mas sua posição política foi sempre comprometida com o conservadorismo.

Cabe ao chefe da família prover pelo conforto, segurança, alimentação, saúde, e em contrapartida ser uma autoridade inquestionável.

Os genros e noras que vêm somar-se ao núcleo inicial são, de certa forma, incluídos na dinâmica do grupo, dinâmica de controle, interferência que será extensiva aos netos.

À tardinha toda família reuniu-se em casa para uma ceia – os cinco filhos casados, quatro netos, Helena e nós, os velhos [ele aos 57 anos e ela, 54 anos!], 17 pessoas. Grande prazer.

Na verdade esta harmonia familiar está submetida aos imponderáveis das paixões, das quais nem ele mesmo conseguirá escapar, apesar de sua capa de velhice prematura.

Ele se coloca no centro dos acontecimentos, funcionando ou procurando funcionar como um oráculo, que deveria ser seguido de forma inquestionável, pois estaria sempre buscando *o melhor* para cada um.

A intenção do diário foi registrar, testemunhar a sua visão sobre os acontecimentos ligados à sua família.

No final de sua permanência nos Estados Unidos (1900-1903) ele, que havia feito um diário bastante resumido, resolve fazer um balanço do período e justifica a decisão de fazê-lo.

Aug.11 1903 – Surely it is time to resume these last reminiscences. How I account for these begone hours in subsequent days when the mind is bent on retrospective rather than foreseeing. I have that day to come plainly, before me when perhaps surrounded by living children these pages will call for interest! May honor and contentment be then my share! May those very children be my old life, my dearest heart pulsation!

Early in the morning I trolled over to Lenox and my trip was as usual sweet with birdsongs and playfulness of the erratic squirrels. That golden green of sun and foliage how beautiful—thoughts evade me—I see but nature. That cat across the Park shall ever be a memorable one in my memory, may a day come will I walk over it in sweet recollections*.

* Certamente é tempo de resumir estas últimas reminiscências. Como eu contei essas horas, em dias subseqüentes, quando a mente está ocupada em retrospectivas, mais do que em previsões. Eu espero que esse dia chegue pleno, diante de mim, talvez cercado por crianças, quando essas páginas poderão interessar. Que a honra e a alegria sejam então compartilhados! Que essas

Esta página do diário foi escrita no final de um período de grandes transformações em sua vida profissional e descobertas oferecidas pela possibilidade de uma vida cultural intensa. É marcada também pela solidão e carência afetiva.

O diário é visto como uma forma de registro dessas emoções contidas, na esperança de perpetuá-las para seus descendentes (living children). São revelações de um jovem com apenas 20 anos, que havia passado uma longa temporada solitário e que começava o caminho de volta à sua terra natal.

Há sempre um tom de seriedade, um compromisso com a verdade. Mas qual o significado dessa verdade? Esta escrita na primeira pessoa do singular busca um efeito de verdade. O dono do diário ao assumir sua autoria revela a intenção de desvendar a sua intimidade.

A grande questão é perceber que o autor se confunde com o personagem criado e que o seu relato não é apenas a descrição dos acontecimentos, mas a sua edição dos mesmos.

Se o texto é uma representação do autor, em busca de materializar uma identidade que quer consolidar; o autor é uma invenção do próprio texto.

Por suas características a escrita de si deve ser vista com algumas precauções: a primeira delas é o da ilusão biográfica que pode levar a um eu contínuo e coerente pelo efeito de verdade que é capaz de produzir.

Cartas como diários, memórias e outras formas de escrita de si aproximam, sendo discursos que mobilizam a sinceridade como valor de verdade, mas não podem, por isso, ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas (Gomes, 2004)¹⁸.

O risco seria acreditar no que diz a fonte como se fosse uma expressão do que *verdadeiramente* aconteceu.

O segundo ponto destacado por Ângela de Castro Gomes é o da relação do texto com seu autor. O texto pode ser visto como representação do autor ou o autor é uma invenção do próprio texto? Ela defende que a escrita de si é ao

crianças possam ser, na minha velhice, a minha mais querida pulsação do coração! (tradução da autora).

De manhã cedo passei pela rua Lenox e meu trajeto foi, como sempre, agradável, com o canto dos passarinhos e as brincadeiras dos esquilos errantes. O gramado dourado pelo sol e a folhagem, tão lindo – pensamentos me abandonaram – e eu só notei a natureza. Aquele gato que atravessou o parque será sempre memorável em minha lembrança. Que possa chegar o dia em que andarei por esse parque novamente em minhas doces recordações (tradução da autora).

¹⁸ GOMES, A.C., *Escrita de si, escrita da história*.

mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de *produção do eu*¹⁹.

A este conceito agrega-se a idéia de que os autores foram mais editores que autores propriamente ditos. Ordenaram os acontecimentos fragmentados do dia-a-dia, organizaram-nos em suportes adequados, embora muitas vezes de formas variadas, editaram-nos e prepararam-nos para serem lidos, exercendo sobre eles censura que pode ser expressa em silêncio ou em desaparecimento de partes ou períodos julgados inadequados ou inconvenientes.

O terceiro ponto a ser visto na escrita de si é o do distanciamento entre o sujeito que escreve – autor/editor – e o sujeito da narrativa – o personagem do texto.

Essa ambigüidade pode ser mais esclarecida quando se tem em mente que a escrita de si é uma das práticas culturais que integram um conjunto de novas relações íntimas próprio à sociedade moderna que consagrou o individualismo.

A sua verdade/sinceridade é deixada por Joaquim de Sampaio Ferraz para filhos e netos como um patrimônio, uma prestação de contas, uma justificação de suas atitudes e seus atos.

Nessa vida de intimidade da família o diário representa um balanço dos acontecimentos, um retrato retocado de um cotidiano plural.

Na verdade o diário não pode ser visto como uma obra monolítica, feita e acabada ao longo de 64 anos, mas sim como diários de diversas épocas, escritos com motivações bastante diferenciadas.

O trabalho que desenvolvemos unificou este conjunto muitas vezes descontínuo, fragmentado, transformando os diários no Diário de Joaquim de Sampaio Ferraz.

Aos 20 anos, o autor faz seu diário de confidente. É através dele que drena sua angústia, sua solidão, sua perplexidade diante da vida. A emoção não foi ainda subjugada; a censura aparece apenas em algumas frases riscadas, talvez até posteriormente.

¹⁹ GOMES, A.C., *Escrita de si, escrita da história*, p. 16.

Friday-28-1902-Nov.

My anniversary 20 years old! How much time wasted twenty years of nothingness!

This day so revered by all persons that is when often own anniversary was to me of indigent qualities. My fortune was reduced at 4 o'clock today to the sordid importance of 10 cents! Never have been in such memorable predicament. (...) I think it would be difficult for me to forget it!*

Ou ainda se referindo à cidade de Chicago, no dia 12 de dezembro de 1902.

Now, oh the diary open thy ears and hear the lamentations or rather the execration about Chicago! This is only a item- I am to talk of the wind of Chicago! If I have *restrained* myself till today, if I have not gone *stack* crazy with the dammed cyclonic freezes (...) it is because I want to see my country and people and wish to reserve some *phraseology* to express my delights. Just this is enough: Chicago's wind should be figured in Dante's Hell**.

Toda solidão e perplexidade diante da vida estão aí retratadas. O diário é o confidente, mas não é só o diário que muda de função ao longo da vida, o autor vai construindo seu personagem que amadurece, se desilude, entristece.

O rapaz romântico dá lugar ao homem sério, chefe de família centralizador. Alguns valores, contudo são mantidos e atravessam a leitura do diário.

I have had a keen interest in religions matters, and I do not think I need fear my future place if I follow my conscience, intellect and keep the ethical ideal ever before my view. I only regret I was born so weak of intellect-Oh, that I had a proportionate scope of intelligence as I have of desire and ambition I would master manythings and waste little time during my existence!*

* Meu aniversário de vinte anos! Quanto tempo perdido em vinte anos vazios! Este dia tão reverenciado por todas as pessoas em seu próprio aniversário foi para mim sem qualidades. Às quatro horas de hoje meus recursos foram reduzidos à sórdida importância de 10 centavos. Nunca passei um aperto tão memorável. Vai ser difícil esquecer! (tradução da autora). Esta página do diário explica sua atitude ao longo da vida comemorando e valorizando a presença da família e dos amigos na sua data natalícia.

** Agora, o diário abre uma escuta para as lamentações, ou melhor, as execrações sobre Chicago! Esse é o único item – estou falando do vento de Chicago! Se eu controlei a mim mesmo até hoje, se eu não enlouqueci até agora com os ventos gelados, é porque eu ainda quero ver meu país e minha gente e pretendo reservar alguns adjetivos para expressar o meu deleite. Por enquanto, só isso basta: o vento de Chicago poderia figurar no Inferno de Dante (tradução da autora).

* Eu tenho tido grande interesse em assuntos de religião, e não acho que preciso temer meu lugar futuro se eu seguir minha consciência, intelecto e seguir o ideal ético diante de mim. Eu só me arrependo de ter nascido tão fraco intelectualmente – Oh, se eu tivesse um intelecto proporcional ao meu desejo e ambição eu poderia gerenciar muitas coisas e não perder o pouco tempo da minha existência (tradução da autora).

Este texto de 30 de dezembro de 1902, e selecionado em lápis vermelho posteriormente, expressa os valores éticos essenciais deste jovem personagem e que serão mantidos ao longo da vida do autor.

2.4

O processo de individualização

A valorização dada nas últimas décadas a este tipo de documento, inicialmente tratado como fonte, posteriormente visto como fonte privilegiada e atualmente considerado como objeto de estudo, deveu-se ao processo de individualização ocorrido na sociedade moderna.

Inicialmente foram valorizados os diários de autores literários, considerados pela sua qualidade, estilo, mais que pelas informações. Posteriormente surgiu o interesse pelos diários e demais formas de arquivo dos cidadãos políticos, e finalmente houve o reconhecimento e valorização do indivíduo-comum, em sua singularidade.

Ângela de Castro Gomes (2004) considera que a história cultural “tem se dedicado a recortar os temas das práticas da leitura e da escrita, bem como a dar especial atenção à questão de gênero”.

A contribuição que cada diário poderá trazer para a pesquisa histórica não depende apenas do que contém; mas principalmente do que pode ser dito a respeito.

A escrita de si pode ser entendida a partir da relação estabelecida pelo indivíduo moderno e seus documentos, documentos esses utilizados no esforço da construção de uma memória de si.

As práticas de construção de uma memória de si englobam autobiografias e diários, mas incluem documentos, retratos e objetos pessoais que materializam a trajetória do indivíduo.

A importância que se revestem estas práticas está na constatação de que elas expressam a emergência histórica do indivíduo, o homem comum, nas sociedades ocidentais.

A idéia de indivíduo está vinculada à profunda transformação ocorrida nas sociedades chamadas tradicionais para as sociedades modernas. A tradição deixa

de se sobrepor ao indivíduo, que consegue ganhar um espaço singular dentro do todo.

Os indivíduos modernos fazem a escrita de si com múltiplas intenções: como forma de autoconhecimento, catarse, como uma forma de comunicação consigo mesmos e até com os outros.

A prática de escrever diários, cartas, escritas autobiográficas não é recente, mas ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno.

O sentimento de identidade individual acentua-se e difunde-se ao longo de todo o século XIX. A história do sistema de denominação fornece o primeiro indício. Os prenomes que tradicionalmente passavam de pai para filho ou homenageavam avô ou padrinho, podendo ainda estar associados aos santos da Igreja Católica, passavam a ganhar maior liberdade e maior gama para sua escolha. É o que Alain Corbin denomina a originalidade da denominação ou *um nome para si*, e acrescenta:

O enfraquecimento das regras de transmissão familiar traduz o definhamento das virtudes hereditárias e ao mesmo tempo vaticinadoras do prenome. A perda da fé na existência de um patrimônio de caráter transmitido pela denominação evidentemente trabalha a favor do individualismo²⁰.

A circulação do correio durante a segunda metade do século XIX, acentuada no início do século XX, contribui para a construção dos símbolos do eu e sinais de identificação pessoal. Contribui também para a popularização do uso da correspondência, que ganha canais facilitadores para circular. As relações interpessoais, sobretudo entre os homens, ganham uma dimensão escrita que só faz se avolumar. São cartas de muitas naturezas: oficiais, particulares de caráter amistoso ou amoroso, cartas sigilosas, cartas reservadas, cartas noticiosas, cartas saudosas.

Há uma popularização do uso dos cartões de visita, as famosas *cartes de visites* com fotos variadas, e no uso de agenda pessoal. Os autores de diário, escritores compulsivos, produziram correspondência volumosa, da qual fazem referências seguidamente em seus diários.

Estas correspondências algumas vezes podem trazer referências a anotações feitas a fatos ocorridos e que foram registrados no diário.

²⁰ CORBIN, A., *O segredo do indivíduo*. In: SCHWARCZ, L. M., *A história da vida privada no Brasil*, v. 4, p. 430.

O uso do espelho, não mais restrito aos palácios e moradias dos burgueses ricos, mas como acessório indispensável e presente em qualquer moradia, fez com que aumentasse a preocupação com a auto-imagem.

A democratização do uso da fotografia possibilitou e estimulou o hábito do retrato posado, individual ou em grupo (de profissionais, de amigos, em família, em eventos especiais, de recordação), mais um passo decisivo no processo de individualização. Pela primeira vez a fixação da pose e o consumo em série da própria imagem estão ao alcance do homem comum. Segundo Alain Corbin (1991), “ascender à representação e posse da sua própria imagem é algo que instiga o sentimento de auto-estima, que democratiza o desejo do atestado social”.

O retrato faz parte do quadro de ações que reforçam o processo de individualização, é uma forma de demonstrar a existência do retratado, registrar sua lembrança além de complementar a sua identificação como cidadão (figura 3).

O diário de Sampaio Ferraz registra uma das suas primeiras providências ao se instalar em Chicago em 1901: fazer retratos no Johnson’s Studio – 193 Adam Street.

Em muitas outras ocasiões fez retratos seus e do grupo familiar. Possuía grande número deles, datados e identificados, que sempre foram muito valorizadas por ele.

O mais antigo preservado foi tirado na casa dos sogros onde ele aparece com a mulher, a sogra, Dona Lulu, e três filhos: Helena, Heloisa e Alberto (figura 4). Foi tirada em 17 de agosto de 1912, quando já tinham tido mais duas filhas, Maria Luiza, falecida em janeiro de 1911 com pouco mais de um ano, e Haydée, então com 10 meses (tinha nascido em 19 de outubro de 1911 – figura 5). O fotógrafo chamado na residência da família foi A. Soucasaux.



Figura 3 – carteira de identidade



Figura 4 - Retrato da família tirado em 17 de agosto de 1912



Figura 5 Retrato de Haydée com 10 meses



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9

A prolongada permanência em Bruxelas (1913-1914) favoreceu a encomenda de ensaios fotográficos de Haydée pelo seu segundo aniversário. São quatro fotos feitas no dia 17 de outubro no Photo Compagnie Belge, tipo cartões de visita. São tiradas com roupas de inverno e uma delas com o bichinho de estimação, o cachorrinho de pelúcia, um tipo de brinquedo que começava a se popularizar na Europa (figuras 6, 7, 8 e 9).



Figura 10 – sua esposa Luluzinha é retratada pelo fotógrafo de arte R. Marchand, 11 rue Neuve.



Figura 11 – Nathalia de Freitas com 21 anos.
Bruxelles 11/4/1914

Até a ama das crianças, Natalia de Freitas, aproveita para tirar uma foto sua na foto Viennoise, 138 Chaussée de Wavre (figura 11). Faz então uma dedicatória "Para a Haydée quando estiver com 15 anos".

Aos sessenta anos, Joaquim de Sampaio Ferraz posou de terno e gravata e deu cópias para todos os filhos para que as mantivessem em suas casas como um retrato oficial do chefe de família.

Os registros civis, mais do que os religiosos, as cédulas de identificação, os procedimentos de reconhecimento, vão construindo um tempo pessoal, a elaboração de uma história individual. Segundo Alain Corbin:

O movimento de individualização que anima o século culmina, ao passo que o neokantianismo inspira os dirigentes e que Pasteur impõe a existência do micróbio, perturbador do organismo; este modelo biológico, aplicado ao campo social, estabelece que o controle do indivíduo é essencial à sobrevivência do grupo.

Ao mesmo tempo, o temor da violação do eu e seu segredo engendra o fantástico desejo de decifrar a personalidade que se oculta e intrometer-se na intimidade dos outros...

Joaquim de Sampaio Ferraz viveu agudamente todo este processo de individualização, carregava o nome de seu avô paterno, tinha na figura do pai um modelo de caráter a ser seguido; fazia um esforço de se diferenciar e se afirmar em um mundo em profunda transformação.

Teve uma formação laica marcada pelo racionalismo e pela cientificidade. Procurou uma carreira calcada na modernidade: curso técnico de engenharia civil em Bristol (Inglaterra), estágio em eletricidade em Chicago.

A leitura exerceu grande fascínio sobre ele e desde jovem referia-se às bibliotecas públicas como lugares privilegiados: “There is no place in this world that gives me more intense enjoy comfort than a Library. I leave the books with regret and if it were not the beauties of my walk towards home, I would suffer exceedingly”^{*}; e sempre como ato indispensável: “I devour and devour the contents of some biography or any other book of whatever description”^{*}.

As leituras contemplam autores clássicos como Molière, Shakespeare e Dante, e contemporâneos, como é o caso de “The Essay of Huxley on agnosticism has aroused my spirits and I mean to make a life study of it following the greatest authority so as not to be missed”^{**}.

Iniciou sua vida profissional na construção do porto do Rio de Janeiro (1904-1907) e depois do de Belém do Pará (1907-1908). Mas foi o estudo do tempo que o despertou para uma especialização na qual mergulharia por toda vida: a meteorologia.

Desde o início o diário representou uma forma de perpetuar suas idéias e seu projeto de vida. Numa sociedade individualista como a sociedade moderna ocidental, a memória do indivíduo passa a ser muito valorizada como forma de organizar e dar sentido a sua trajetória. A noção de projeto desenvolvida por Alfred Schutz e apropriada por Gilberto Velho é bastante importante para ajudar a revelar a intenção desse indivíduo cuja preocupação com a construção da memória norteou a vida. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo,

^{*} Não existe nenhum lugar no mundo que me dê maior alegria que uma biblioteca. Eu deixo os livros com pena e se não fossem as belezas no meu caminho de volta para casa, eu sofreria ainda mais.

(tradução da autora). Diário de 17 de julho de 1903, escrito em New York.

^{*} (tradução da autora). Diário de 17 de julho de 1903, escrito em New York. Eu devoro e devoro o conteúdo de algumas biografias ou qualquer outro livro descritivo.

^{**} (tradução da autora). Diário de 30 de dezembro de 1902. O ensaio de Huxley sobre agnosticismo despertou meu espírito e eu desejo dedicar-me, ao longo da vida, seguindo as grandes autoridades que não devem ser esquecidas.

suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória (VELHO, 1994, p. 101).

A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende em grande parte da organização desses pedaços. O diário apesar de ser elaborado também de forma descontínua, expressa a idéia de projeto. Segundo Gilberto Velho²¹, por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do outro. É uma forma de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo.

Com o passar da vida vai se transformando num homem angustiado com as perplexidades do seu tempo.

As mais de seis mil páginas oferecem a possibilidade de se perceber o fluxo do tempo, a mudança dos objetos de interesse, a evolução das relações, o fluir dos acontecimentos, numa narrativa fracionada, por sua própria dinâmica, mas que reflete organização e disciplina.

Dos 32 volumes do diário, sobraram 28, devidamente numerados, escritos em suportes diferentes; primeiro em cadernos pautados que poderiam conter vários anos, uma vez que não eram feitos com rigidez nem na forma nem na frequência. Mais tarde o diário foi feito em cadernos especialmente comprados para esse fim, como fica evidenciado no diário dos anos 1912 e 1913, escrito na França e principalmente durante a permanência na Bélgica. O caderno comprado no Rio, na *Fabrica de Livros de Escripturação LEUZINGER* (rua do Ouvidor 89), atesta a preocupação do autor em prevenir-se antes da partida. Nas últimas duas décadas utilizou agendas encadernadas, fornecidas pela Barnett International Forwarders Inc. A partir da adoção das agendas passa a usar cada dia em sua data e aumenta o volume das informações nelas contidas.

²¹ VELHO, G., *Projeto e metamorfose*, p. 100.



Figura 12 – conjunto dos diários fotografados em 31/12/2004

A caligrafia também vai mudando, embora sempre muito firme, bem desenhada e bastante regular. Escreve sempre com caneta tinteiro azul ou preto e grifa e anota em lápis vermelho (figura 12).

O modelo do diário de Joaquim de Sampaio Ferraz difere do modelo descrito por Béatrice Didier (1991), segundo o qual o diário íntimo se caracteriza pelo fracionamento, pelo descontínuo e pela ausência de elaboração. A escrita do diário, segundo a autora, rejeitaria toda a organização e se apresentaria como a escrita do efêmero.

No diário estudado o tom da escrita é cuidado, em certos momentos até solene, há sempre o zelo na certeza de uma leitura posterior, embora o fracionamento e o descontínuo estejam sempre presentes.

Escrever o diário é sempre a última atividade do dia, é um exercício de reflexão dos acontecimentos, é uma seleção de assuntos ou sentimentos que merecem ser registrados.

O local escolhido para esse exercício cotidiano, a partir de 1931, é o escritório particular, no segundo andar da casa da Rua Alberto de Campos, ao lado de seu quarto de dormir. Ali, ele escrevia e guardava o diário, ali também ele recortava os jornais que alimentariam sua hemeroteca que ocupava parte do escritório externo, construído ainda na década de 30 sobre a garagem.

Nas horas silenciosas da noite, quando a casa já se aquietou, cabe o registro do que aconteceu ou ainda seus prognósticos sobre o que ainda não aconteceu. Cabe falar e cabe silenciar sobre fatos e pessoas, sobre feitos e frustrações.

Espaço de experiência e horizonte de expectativas se encontram, o élan da vida, o anseio de realizações vai sendo tragado pelas dificuldades, decepções, e gradualmente a rotina e o silêncio do desalento parecem tomar o lugar.

O silêncio e a angústia, os sintomas de doenças que afetam o corpo e, sobretudo, uma visão precoce da velhice, um referir-se como velho desde os sessenta anos. Os hábitos, embora rotineiros, desmentiam a pretensa condição do *indivíduo-sujeito*, pois que continuava trabalhando, fazendo exercício físico, viajando. O autor, contudo, insistia em descrever seu personagem como um ancião.

2.5

Um diário masculino

O que leva a caracterizar o diário como um diário masculino não é apenas o fato de seu autor ser um homem, um profissional liberal, um pai de família, mas o seu desempenho como *indivíduo-sujeito*, o seu olhar e sua inserção no mundo. Há particularidades na escolha dos enfoques e nas representações das relações de poder.

Nos anos 1980, a historiadora Joan Scott reforçou os “estudos de gênero” com a introdução de importantes reflexões e pressupostos teóricos, que reformularam radicalmente o conceito, agora entendido como uma categoria de análise histórica capaz de revelar as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações históricas e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens. Ao dar essa ênfase, Scott aproximou-se da perspectiva da história cultural, que procura identificar de que modo, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim, os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder²².

A leitura dos diários mostra a vida de um homem solitário, angustiado, atravessando a existência numa busca contínua de dar testemunho de valores, de se exigir uma conduta ética rigorosa, cujo paradigma era a figura paterna.

O imenso trauma do filho diante da morte repentina do pai, então com 63 anos, faz com que ele deixe registrado:

Meus filhos, ao lerem estas notas sobre a morte de seu avô, lembrem-se que o seu pai muito sentiu a perda do seu progenitor e do amigo ambos exemplares. O seu avô foi um íntegro, um raríssimo caráter, e um pai extremoso. Imite o seu exemplo. Como político, lerão na história de seus feitos e de sua inatacável honestidade²³.

Outra vez há a identificação clara da intenção de ser lido e de sua postura em relação ao diário, com o qual não possui nenhuma intimidade. Usa um tom solene bastante diferente da escrita descuidada que se poderia esperar deste exercício diário da escrita de si. Um exemplo flagrante desse modo de ser é o tratamento dado ao maior amigo e único companheiro no período em que vive em

²² POSSAS, L. M.V.P, *Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado*. In: GOMES, A. C. G., *Escrita de si, escrita da história*, p. 265.

²³ Diário do dia 4 de março de 1920.

Chicago e ao qual se refere sempre como o Dr. Leme. Tinham ambos então cerca de vinte anos. Aqui, como em tantos outros momentos, o personagem parece ganhar na disputa com o autor.

É importante perceber na vida deste homem qual o papel reservado à esposa e aos filhos. Fica clara a dependência de todos à sua vontade, aos seus interesses profissionais e às suas conveniências de saúde.

Não se pensa na melhor oportunidade para viajar ou para mudar de casa ou de cidade; o colégio dos filhos, as condições de vida domésticas estão atreladas à sua vontade e decisões.

Nos momentos de dor fica evidenciada a sua dificuldade em ver o outro, há apenas o registro de sua dor:

Às 8:30 desci para o banho e encontro Maria Luiza no colo de Celeste (empregada da casa), mas, coitadinha, com uma carinha angustiada, com uma fisionomia de cortar o coração – Ah quanto eu sofri vendo-a assim – Ainda lutei para convencer a mim mesmo que não era nada este abatimento e aprontei-me para ir ao Observatório. Quando fui lhe dizer adeus – reparei outra vez no seu rostinho, mas tal impressão tive que agarrei-a ao meu colo e chorei as primeiras lágrimas. Já previa a gravidade do caso. Coitadinha de minha Candonga que olhar era o seu! Oh como eram tristes seus olhos!

O Sr Guimarães tinha ficado de mandar procurar o Magalhães*. Eu mandei chamar o Dr Pinto Portella e Alcides que veio antes de todos. Com ele demos dois banhos na nenê, parecendo melhorar alguma coisa. O Dr Salles Guerra chegou e pediu logo óleo canforado 25% para dar uma injeção – vim, a saber, que ele desde o principio achava o estado da criança desesperador. Ele já tinha tentado muitos recursos quando chega o Dr. Pinto Portella. Este estava de acordo com o Dr. Salles Guerra e ambos continuavam com o meu auxílio e de Alcides, a tentarem tudo pelo anjinho. Tudo foi debalde as 12:45 morria a minha loura Candonga.

Maria Luiza morreu de uma fulminante infecção intestinal (coli-bacilose) que ataca os centros nervosos. Estava com ela durante o struggle: Valentina, eu, Alcides, Celeste e os dois médicos... Fui o único que lhe velei o corpo (isto é não mencionando Clara, Celeste, Isaura e os criados)²⁴.

Tanto no momento da morte, que ele denomina struggle, num sentido bastante darwiniano (que traduzindo significa luta, combate), quanto do enterro, como costume da época, só participam os homens. “O enterro foi às 10:20. Acompanharam Pacheco nosso visinho Dr. Mourão, Moreira, o Silva, todos do

* Referia-se ao médico Fernando Magalhães, quem por muitas vezes atendeu à família.

²⁴ Diário de 13 de janeiro de 1911.

escritório do Sr. Guimarães, Alfredo, Papai, Alcides, Sr Guimarães e eu”^{*}. Pelos códigos de bom tom as mulheres não compareciam aos enterros, mesmo em se tratando de uma criança pequena.

A mãe da menina não é sequer mencionada, sua dor não é descrita, sua presença ou ausência não é valorizada. Luluzinha tinha então 25 anos e já havia dado à luz três outras crianças; ficaria grávida pela quinta vez no mês seguinte, para ter uma menina em outubro do mesmo ano de 1911. Esta jovem mulher parece fora do cenário da tragédia doméstica.

Ele, no entanto, está em pleno desempenho de seu papel de chefe da família, tudo atende. Registra seu interesse num diagnóstico preciso, e a presença de dois médicos e haveria mais um Dr. Fernando Magalhães, se este tivesse chegado a tempo. O costume de chamar médicos, de fazer juntas médicas ou de comparar diagnósticos foi sempre uma atitude muito própria, apesar das dificuldades financeiras. O autor analisa os sintomas, seus ou de seus familiares, opina sobre o uso dos medicamentos, aprovando-os ou não²⁵.

Registra também o pai amoroso tomado pela dor de perder uma criança de apenas dois anos. Sobre a repercussão na vida do casal fica o silêncio e a imensa solidão em que está mergulhado.

^{*} Ficam patentes os laços de solidariedade tecidos a partir da família de sua mulher. O casal morava com os filhos, na casa do Sr. Guimarães (seu sogro). O Alcides e o Alfredo são irmãos e Valentina cunhada do Sr. Guimarães, tios de sua mulher, Luluzinha. Os demais trabalhavam no escritório do sogro.

²⁵ No *Diário Íntimo de José Vieira Couto de Magalhães*, encontramos descrições minuciosas sobre doenças e tratamentos. Exemplo: p. 135-177, em que descreve tratamento e dieta. Também Celso Castro, no *Diário de Bernardina*, chama atenção para a recorrência do registro de doenças e mal-estares de membros da família.

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára, não, não pára ¹.*

O tempo esteve sempre no centro das preocupações dos homens, desde a Antiguidade, tanto no Oriente como no Ocidente, no pensamento dos grandes filósofos, no pensamento religioso cristão ou não.

A circularidade foi vista como símbolo do tempo pelos hindus, chineses, gregos e povos pré-colombianos. Penépole é a imagem que, com seu bordado permanentemente feito e desfeito, representa simbolicamente a urdidura do tempo circular ou cíclico, a mais antiga concepção do tempo ao longo da história.

O tempo para as culturas judaico-cristãs é visto como uma linha espiralada que culmina com a Parusia, ou seja, a plenitude dos tempos.

Uma concepção vetorial, neutra, do tempo linear, surgiu depois da idade média, especialmente no mundo ocidental.

Uma das reflexões mais conhecidas sobre o tempo é, sem dúvida, a de Santo Agostinho:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente ².

O final do século XIX e o início do XX foram marcados por grandes mudanças, quer no campo da ciência e tecnologia, quer no campo das idéias. De 1880 até o final da 1ª Guerra Mundial, grandes contribuições geraram

¹ Cazuza, 1988.

² AGOSTINHO, A., *Confissões*, p. 322.

modificações na forma de pensar do homem sobre tempo e espaço. Inovações, como o telefone, o telégrafo sem fio, os raios-X, o cinema, a bicicleta, o automóvel, o avião, reorientaram o homem, assim, como no campo das idéias, a psicanálise; na arte, o cubismo e, na física, a teoria da relatividade.

As facilidades no campo das comunicações, a rapidez cada vez maior dos meios de transporte, a possibilidade de quebrar fronteiras internas no conhecimento do corpo humano e na possibilidade de olhar o mundo do alto modificam as perspectivas sobre o espaço e tempo.

Com a perspectiva de Einstein (1879-1955) houve grandes alterações no que ao tempo diz respeito. Uma delas será certamente o reconhecimento da existência de múltiplas ordens temporais, em vez da existência de uma única, como até então se afirmou ³. [“Le temps présent est devenu éphémère, irréversible, insaisissable, (...) pour la première fois l’homme a constaté que le temps (...) ne s’arrête pas(...)”] ^{*}.

Segundo Kern, presente, passado e futuro são parte dos limites no estudo do tempo enquanto forma, área, distância e direção são desdobramentos na análise do espaço. Tempo e espaço são vistos como categorias universais capazes de ajudar na construção de uma história social da cultura.

Mas numa era de imensas conquistas tecnológicas, de grandes transformações, onde o espaço foi ampliado e a idéia de progresso foi colocada como meta da humanidade, o tempo passou a ser visto de formas diferentes e muitas vezes antagônicas.

O tempo ocupou as cabeças e as almas, o tempo público e o tempo privado, o tempo objetivo e o tempo subjetivo, o tempo reversível e o tempo irreversível, o tempo homogêneo e o tempo heterogêneo, o tempo atomístico e o fluxo do tempo. Estes pares de oposições mostram algumas das possibilidades ao se analisar o tempo ⁴.

³ Stephen Kern, no seu texto *The culture of time and space* (1880-1918), levanta toda a problemática mostrando as novas dimensões do tempo e do espaço.

^{*} O tempo se tornou efêmero, irreversível, fugaz, pela primeira vez o homem constata que o tempo não pára. (tradução da autora). GOURVITCH, A.Y, *Lê temps comme problème d ‘ histoire culturelle*, p. 272.

⁴ KERN, S, *The Culture of time and spice*, p 11 -12. .

Reinhart Koselleck considera que:

Les conditions de possibilités d'une histoire réelle sont en même temps celles de sa connaissance. Espoir et mémoire ou, d'une manière plus générale, attente et expérience – car l'attente embrasse plus que le seul espoir tout comme l'expérience va plus profond que la simple mémoire – sont constitutifs à la fois de l'histoire et de sa connaissance et la constituent en montrant et en construisant jadis, aujourd'hui ou demain, le rapport interne existant entre le passé et l'avenir⁵.

Sua tese é que experiência e expectativa são duas categorias que, entrecortando passado e futuro, são aptas a “tematizar” o tempo histórico. Segundo ele, a história se realiza no cruzamento de certas experiências e de certas expectativas. Mas as duas noções não se encontram apenas na realização concreta da história, na medida em que elas a ajudam a avançar.

Os avanços tecnológicos encurtaram as distâncias, aproximaram os pontos mais distantes do planeta e obrigaram a tomada de decisões que viabilizassem a comunicação e o convívio mundial.

A idéia da padronização da hora através da regulamentação da mesma em nível internacional foi uma decorrência de conquistas especiais feitas com o advento do telégrafo, de novas estratégias militares e dos meios de transporte mais velozes, sobretudo o trem.

O pioneiro a defender esta idéia foi o engenheiro canadense Sanford Fleming em 1886 (KERN, p. 11). O mais famoso defensor da idéia foi o Conde Helmuth von Moltke (KERN, p. 11), que em 1891 apelou junto ao Parlamento Alemão para a sua adoção, visando motivos estratégicos que se concretizariam na 1ª Grande Guerra (1914-1918), quando já havia sido implantada a hora universal, desde a Conferência do Tempo em Paris, em 1912.

A aceitação da regulamentação do tempo, do tempo público, não se faz, contudo, sem questionamentos e polêmicas. Há ataques à autoridade do tempo público uniforme feitos através da crítica de importantes autores literários, como é o caso do escritor Joseph Conrad (KERN, p. 11). O autor constrói a figura de um anarquista russo, personagem da obra *Agente Secreto* (1907), que é um agente

⁵ As condições de possibilidade de uma história real são ao mesmo tempo aquelas do conhecimento. Esperança e memória ou, de uma maneira mais geral, expectativa e experiência – pois a expectativa inclui mais que uma esperança solitária e a experiência é mais profunda que a simples memória – são constitutivas ao mesmo tempo da história e seu conhecimento e a constituem mostrando e construindo o hoje e o amanhã e a relação interna existente (tradução da autora). KOSELLECK, R, *Le Futur Passé*, pg 310

provocador cujo desejo é o de explodir o observatório de Greenwich, na Inglaterra, símbolo e referência da padronização da hora, verdadeiro ícone da política centralizadora do controle do tempo.

Segundo Kern, escritores como Oscar Wilde, Marcel Proust e Kafka se preocuparam com o tempo. Wilde imaginou uma discordância entre o tempo público e o tempo privado ao criar *O retrato de Dorian Gray*. Proust, em *A busca do tempo perdido*, falou sobre o tempo particular do personagem enquanto seu corpo está dormindo, não em um mostrador marcado superficialmente, mas pelo peso, em constante crescimento de minhas forças renovadas, que, como um poderoso mecanismo marcador do tempo, permitiu, a cada batida que descesse de meu cérebro para o resto do meu corpo.

Os marcadores de tempo são os inimigos dos heróis de Franz Kafka. Num diário do início dos anos 20, ele comenta a enlouquecedora discordância entre o tempo público e o tempo privado.

O tempo público (ou hora pública) que James Joyce achou superficial e Kafka, atemorizador, Joyce considerou arbitrário e desajustado para ordenar as diversas experiências temporais da vida.

O tempo é o grande personagem, visto nas mais variadas possibilidades tanto na literatura como na arte.

Na pintura impressionista, o tempo é um elemento determinante, a luz é estudada ao longo do dia assim como seu efeito modificador na obra do artista. A pintura cubista explorou as sensações e experiências advindas da passagem do tempo. Mas é, sobretudo, na pintura surrealista como a de Chirico e Salvador Dalí que fica explicitado o papel angustiante do tempo, a força do seu controle sobre as pessoas. O relógio é um elemento recorrente na obra de Chirico, marcando sua proeminência e seu domínio neste início de século.

O tempo passou a ser relacionado com o ganho, com a industrialização crescente e com o capitalismo em plena expansão. Tempo é dinheiro. Os relógios de ponto marcam a produtividade em função das horas trabalhadas. O domínio do controle do tempo é sufocante e algumas vezes insuportável.

A experiência de tempo interna ou particular de cada indivíduo não é medida de nenhuma maneira, não há como descrevê-la ou captá-la. Cada um sabe como passa o tempo ou quando parece não passar nunca ou quando passa muito

rápido, sem nenhuma relação com o tempo efetivamente transcorrido, com a quantidade de tempo medido tendo como base a convenção social.

En la experiencia interior temporal tienen una particular función la fantasía, la memoria y la imaginación. Proust testimonia cómo es posible revivir en la memoria la vida entera en un breve instante. El tiempo de la memoria es la más subjetiva de las experiencias interiores temporales... El tiempo vivido es, por tanto, subjetivo porque es mi tiempo; cada persona tiene un tiempo vivido distinto⁶.

O diário deixa entrever estes tempos ora se interceptando, ora se sobrepondo. Deixa entrever a preocupação com o tempo, seus prognósticos, previsões, através do desempenho profissional da Meteorologia.

Joaquim de Sampaio Ferraz foi um homem preocupado com o seu tempo, escravo da pontualidade, rígido com tudo que se referia a horários, controlador, submetido a rotinas transformadas em verdadeiros rituais. Sua casa foi sempre cheia de relógios e um relógio cuco marcava com seu canto o passar das horas e os horários rígidos das refeições.

Mas ao mesmo tempo em que o diário reflete o tempo privado, o tempo subjetivo, ele abre janelas de observação para o tempo público que enquadra os acontecimentos.

O diário reflete duas subjetividades, o homem na sua vida privada, no seu tempo particular, e o profissional dedicado à Meteorologia, à previsão do tempo. A meteorologia, nova no campo das ciências naturais, estuda os fenômenos atmosféricos e o tempo.

Aqui o tempo passa a ser entendido como condições atmosféricas. Sampaio Ferraz se interessa pelo estudo do tempo atmosférico, dos ventos, da chuva, da formação das nuvens, do clima. E, ao mesmo tempo, é dominado pelo controle do tempo, do rigor dos horários, da precisão das horas.

Ainda assim, o tempo público do exercício da profissão é um tempo mais ligado às estações do ano, aos fenômenos naturais, às chuvas sazonais, aos ventos e aos períodos de estiagem. Há, contudo, um enquadramento constante e permanente com a hora e a pontualidade; o controle do tempo. O diário seria um

⁶ Na experiência temporal interior, a fantasia, a memória e a imaginação têm uma função particular. Proust testemunha como é possível reviver na memória a vida inteira num breve instante. O tempo da memória é a mais subjetiva das experiências temporais interiores... O tempo vivido é, por tanto, subjetivo porque é o meu tempo; cada pessoa tem um tempo de vida distinto (tradução da autora). HELLER, A., *Sociologia de la vida cotidiana*, p. 648.

instrumento adequado para disciplinadamente falar da passagem do tempo, e das modificações da vida. Escrito a cada final de dia, ele tem na sua estrutura o sentido da fragmentação do tempo, da obra encerrada a cada noite e retomada no dia seguinte, do contínuo da vida na fragmentação do diário.

Segundo Ângela de Castro Gomes, “a fragmentação do indivíduo moderno e de sua memória deixa claro que o tempo tem ritmos e conteúdos diferenciados na diacronia e sincronia; que não pode ser entendido como linear, único e progressivo”⁷.

O tempo do diário é um tempo particular, é um fio condutor da própria vida, mas da vida privada.

O tempo vivido é uma categoria temporal antropomórfica e subjetiva. Agnes Heller (Sociologia de la vida cotidiana, 2002) considera que a experiência temporal interna da pessoa particular não é de nenhum modo mensurável e não pode expressar a quantidade de tempo transcorrido. Cada um tem sua medida de tempo. Às vezes, muito rápida, às vezes, arrastada, uma mesmice, como muitas vezes anotou Sampaio Ferraz em seu diário.

Raramente há referências a fatos políticos ou acontecimentos marcantes. Uma das exceções é a referência a morte do Barão de Rio Branco: “10 de fevereiro de 1912 – Faleceu o grande brasileiro Barão do Rio Branco às 9:10 da manhã; extraordinária impressão em todo Brasil, aqui as manifestações de pesar são imponentes e sentidíssimas⁸”.

Há também a descrição da revolta dos marinheiros, registrada em 22 de novembro de 1910.

Continua a revolta. Dia 26 – Hoje à tardinha os quatro navios revoltosos Deodoro, São Paulo, Bahia e Minas, diante da anistia concedida pelo governo (passado no Senado anteontem e passado ontem na Câmara e também assinado ontem pelo Marechal Hermes) desistiram de se manter revoltados. Ontem, devido a um boato do fim, o governo resistiu à esquadra, muitas famílias fugiram. D. Lulu, Luluzinha e as crianças foram para a Gávea para a casa de D. Nenê Paula Costa. Voltaram à tarde. Anteontem, eu, Luluzinha, Sr. Guimarães e Renato Rocha Miranda escapamos de uma bala de canhão que passou por cima de nossas cabeças na Avenida Beira Mar. A bala veio bater no meio-fio da calçada defronte a casa do Sr. Cruz (casa do torreão amarelo pegado à casa do Dr. R. Miranda).

⁷ GOMES, A.C., *Escrita de si, escrita da história*, p. 13.

⁸ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, 1910-1913.

A anistia representa uma medida prática e solução que evita grandes desgraças, todavia ela importa em terrível mancha a nossa honra e ao brio da Marinha. A anistia foi concedida a marinheiros revoltados que já haviam cometido graves crimes, e sob circunstâncias que bem demonstrou a obrigatoriedade que foi forçado o governo a agir para evitar a sua derrota. O governo não podia agir contra a esquadra – só o tempo, depois de muita desgraça, podia trazer a marinheragem à ordem. Eu, pessoalmente, preferia que o governo reagisse como pudesse contra a grave transgressão – muito sacrificaríamos, mas não nos desonraríamos nem perderíamos a nossa autoridade⁹.

A revolta dos marinheiros é a que ficou conhecida por Revolta da Chibata, liderada pelo marinheiro João Cândido. O acontecimento do tempo público refletiu no tempo privado, na medida em que havia representado sério risco para a segurança da família.¹⁰

Estas considerações são de um jovem de 27 anos e pai de família numerosa: mulher e quatro filhos. O fato tocou-o pela proximidade do perigo e foi tão divulgado na família que foi incorporado ao imaginário familiar.

Os diários de Sampaio Ferraz da década de 30 registraram apenas a inauguração da estátua do Cristo Redentor, a viagem do dirigível Zepelim ao Rio, o envolvimento momentâneo do autor com o Integralismo, a Intentona Comunista e considerações sobre os antecedentes da 2ª Guerra Mundial. O seu contraponto, o tempo privado, é escrito, ainda que de forma resumida e irregular. Registra laconicamente quem casa, quem nasce, quem morre. O tempo é o do ritmo de sua vida, mais apressado na mocidade, mais lento e rotineiro na maturidade e velhice. Nos primeiros vinte anos, escreve quase que de forma telegráfica, sem a frequência do dia-a-dia. Há momentos em que se detém em considerações quase sempre relativas às relações com a mãe, ou com os problemas de saúde.

A saúde abalada e seus tratamentos médicos e dos filhos parecem ocupá-lo bastante. São descrições dos diagnósticos feitos pelos médicos chamados, considerações sobre os tratamentos, observações suas sobre a medicina praticada, sobretudo os tratamentos para os doentes nervosos. No início da década de 30, Sampaio Ferraz esteve internado na Casa de Saúde da Gávea, sob os cuidados do

⁹ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, 1910-1913.

¹⁰ Conhecida também como revolta dos marinheiros, ocorre em unidades da Marinha de Guerra brasileira baseadas no Rio de Janeiro, em 1910. Os marujos rebelados reivindicam de Hermes da Fonseca, recém-empossado na Presidência, a aprovação do projeto de anistia geral em discussão no Congresso, o cumprimento da lei que aumenta seus vencimentos, a redução da jornada de trabalho e a abolição dos castigos corporais e cruéis na Armada, como o açoite (a chibatada), a palmatória, a prisão a ferros e a solitária.

Dr. Adauto Botelho, que era considerado um pioneiro na área psiquiátrica. O esgotamento nervoso, a depressão profunda fica registrada ao longo de quase todos os volumes do diário.

Mas o mal cerebral, pelo contrário, manteve-se estacionário. Há meses que venho mantendo uma luta titânica contra esta fraqueza e afinal dou-me por vencido. Se persistir, temo qualquer complicação... O Dr. Mello Magalhães acredita que as duchas escocesas me poriam bom, já que a viagem, receio não é praticável. Penso, entretanto, que só o descanso me faria bem. Considero-me um paciente *completely rundown, with shattered nerves*^{*}, e por vezes desespero de melhorar – Ponho-me a cismar que não há mais cura para um vaso quebrado – suponho que a minha vida já foi vivida e nada mais me resta¹¹.

Antes desta internação, da qual o autor é bastante parcimonioso nos detalhes, havia decidido buscar descanso e tratamento na Europa, e para lá partira em 1928, levando quase toda a família (mulher e cinco filhos). Os recursos para a viagem provêm da herança da mulher, uma vez que esta perdeu o pai e a mãe no espaço de apenas quinze dias. Mesmo assim, irá recorrer aos Rocha Miranda (Renato e Otavio), que emprestarão vinte contos para a viagem que serão pagos quando venderem a casa do casal Guimarães, na travessa Cruz Lima, no bairro do Flamengo. O primeiro médico italiano consultado em Roma é o Dr. Signorelli, que recomenda uma visita em Gênova ao Dr. Pendi. Os diagnósticos e os tratamentos são descritos minuciosamente, os resultados criticados. A permanência de quatro meses na Europa para repouso e tratamento médico esgota os poucos recursos financeiros da família. As depressões, a neurastenia, as angústias, as crises de angina são vistas sempre pelo lado físico, deixando apenas suspeitas de problemas psicológicos ou de saúde mental.

Mal grado às suas alegrias e às minhas ambições. Apesar das melhoras relativas com o tratamento do Dr. Pendi (Itália), padeço ainda muito. Ninguém sabe, escondo o mais que posso dos meus. Por que lhes magoar o coração com minhas queixas constantes?

Mostrarei que ainda tenho vontade, quando a quero exercer. De amanhã em diante deixarei o fumo – meu grande consolo. Só voltarei ao vício se depois de um mês não sentir melhora alguma, suspenderei as injeções de Pendi. Veremos¹².

^{*} Um paciente completamente esgotado com os nervos esgarçados (tradução da autora). Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, v. 9.

¹¹ Essa página do diário de Joaquim Sampaio Ferraz foi escrita em 9 de dezembro de 1927, em plena crise profissional, que culminaria com o seu pedido de aposentadoria antecipada. Na ocasião, o autor tinha apenas 46 anos e a vida que supunha terminada se estenderá por mais quase quarenta anos. No alto da página ele escreveu: "Importante".

¹² Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, de 19 de maio de 1929. No dia seguinte, à tarde, ele volta a fumar e irá fumar até a sua morte.

Logo a seguir, não tendo resistido ao vício, escreve:

Que grande felicidade! Desta forma, silenciosamente, sem que ninguém o perceba, mantenho a posição de Chefe da Repartição, com grave dano de minha saúde, mas com o proveito dos meus – e de minha ânsia de ser útil, de exercer a mais nobre energia, a que provem do cérebro. Não sei se resistirei moralmente à condenação de passar o resto de minha vida arredado dos livros, com o pensamento acorrentado, embora com o coração livre¹³.

O assunto será tratado em pasta especial do arquivo, ficando registrado no diário a atitude moral, a diminuição considerável de recursos monetários e a mudança para a rua Alberto de Campos nº 72, em Ipanema, no Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1931.

O período que se segue é sombrio e há interrupção no diário por alguns meses, meses de tratamento, internação e de enorme sacrifício para a família.

O diário de Sampaio Ferraz registra o desenrolar do tempo privado de sua vida. A desaceleração do tempo, a frustração de seu projeto de vida construído até os cinquenta anos de idade e a rotina e o desencanto das últimas três décadas.



Figura 13 – retrato de Joaquim Sampaio Ferraz, anos 20

Até meados dos anos 20, ele esteve empenhado na construção da família e da carreira. Apesar dos muitos filhos, há ânimo para viagens de aperfeiçoamento

¹³ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz. Anotações do dia 20 de maio com a chamada: “Não menos importante”.

profissional, há um projeto em desenvolvimento, explicitado nos textos antigos, publicados ou apresentados em congressos. Depois da difícil decisão de abandonar o serviço público, começa um período de adaptação e dificuldades financeiras. A partir daí, o tempo parece ganhar outra dimensão, a rotina ganha o espaço do projeto. O diário refletirá esta cristalização ou ritualização da vida, embora ele coloque no dia do seu 59º aniversário: “este ano foi o mais vertiginoso de todos... Como correu!”¹⁴.

Neste primeiro quartel do século XX, há o desenvolvimento da Psiquiatria e da Psicanálise, quando os estudos de Freud são introdutórios de um conhecimento maior sobre o tempo do indivíduo, suas relações com o inconsciente, o estudo dos sonhos.

A Antropologia e a Sociologia do século XIX investigaram a origem social do tempo, mas foi através da obra de Emile Durkheim, *The Elementary Forms of the Religious Life* (1912), que se distingue entre tempo privado e tempo público. Segundo ele, as sociedades organizam suas vidas em tempo e estabelecem ritmos que se transformam em imposições como um quadro para todas as atividades temporais. O calendário expressa o ritmo das atividades coletivas assegurando a regularidade das mesmas.

3.1

O tempo – A eletricidade e o cinema

Os avanços tecnológicos são decisivos para esta era que definiu o progresso como objetivo e viu nele razão da busca permanente para a construção do futuro.

“O desafio teve como base duas invenções tecnológicas: a eletricidade e o cinema. O historiador da arquitetura Rayner Baham chamou a eletrificação a maior revolução ambiental na história da humanidade desde a domesticação do fogo. É a transformação urbana que mudou a noite em dia”¹⁵.

As lâmpadas incandescentes transformam a vida das cidades, prolongam a claridade, proporcionam condições de usufruir um período de tempo muito maior para o trabalho ou para o lazer.

¹⁴ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, 28 de novembro de 1941, v. 11.

¹⁵ KERN, S., *The Culture of Time and Space*, p. 29.

E não é por acaso que o jovem Sampaio Ferraz iria escolher eletricidade para se profissionalizar, estagiando numa fábrica em Chicago, a Western Electric Company, nos anos de 1901 e 1902, ganhando sete dólares por semana.

O ano era 1901, do dia 15 de outubro, e Sampaio Ferraz foi ser entrevistado pelo Mr. Candall, que o convidou para jantar. No dia 16, ele voltou e relatou: “Dr. Fernando and I went to Western again but could not do anything¹⁶”. Fernando Paes Leme já era conhecido da família e a amizade que se estreitaria agora duraria até o final de suas vidas. Em novembro, ele declarava ter sido transferido para o Departamento de Dínamos. Completaria 19 anos nesse período.

Mas, se não há informações sobre o estágio, o mesmo não acontece com os programas culturais descritos e avaliados com frequência. Refere-se à música clássica e a instrumentistas famosos como o violinista Kuselik. *A Flauta Mágica*, de Mozart; *Carmem*, de Bizet; e *Fausto*, de Gunod, fazem parte desse novo mundo recém-descoberto¹⁷.

O encantamento com que narra a frequência ao teatro, ao balé, às óperas e operetas se deve não apenas ao gosto pela música, mas também aos novos recursos de iluminação empregados que davam brilho aos cenários. Diário de 18 August 1902 Monday:

“Dr. F. Leme invited me to accompany him to an original entertainment on 39th Newport Av. under the appellation of the *Last days of Pompei*. The situation is far from being solutions. The atmosphere teming with unfragrant odors “salmagundis and “polentas garlicated”, wich vivily reminded us we were in the Italian quarter of the city. We bought our seats and climbed on to luguborius a “stand” *lighted by one arc-lamp*. Besiezed with dazzled months. Few people were already seated. I had before me a grass lawn (none out at places) in the center of wich I could distinguish a congregation of humans with instrumental pieces – and the infalible basso – sending out connections under the auspices of *another lamp wich hung from a frame**”.

¹⁶ Dr Fernando e eu fomos outra vez a Western, mas não podemos fazer nada. (tradução da autora). Diário de Sampaio Ferraz, de 1900 a 1902.

¹⁷ Os teatros freqüentados são: Grand Opera House, Chicago Opera House, Mac Vickers Theatre, Illianois Theatre. Diário de Sampaio Ferraz, (1900-1902).

* O Dr. F. Leme convidou-me para acompanhá-lo num entretenimento original. Últimos dias de Pompéia, na Av. Newport, 39. A situação está longe de ser satisfatória. A atmosfera com odores de “salaminhos” e “polentas com alho”, que deixava claro que nós estávamos no quarteirão italiano da cidade. Nós compramos lugares e subimos para um lugar lúgubre iluminado por uma lâmpada de arco. (...) Poucas pessoas já estavam sentadas. Eu tinha diante de mim um gramado no centro do qual eu poderia distinguir um grupo de pessoas com instrumentos – e um baixo infalível (infalível) – mandando conexões sob os auspícios de uma outra lâmpada pendurada num portal (tradução da autora). Diário de Sampaio Ferraz, escrito em 18 de agosto de 1902.

A descrição única e minuciosa chama atenção para a existência da iluminação, assim como a dos quase 300 atores e músicos em cena, além de um elefante, “a 20th specimen of pachydermatous mammalia otherwise an Elephas Chicagonus!*”. É o registro do novo e com o tom de cientificidade próprio do momento retratado.

As cidades que freqüentou nos primeiros anos do século XX, New York e Chicago, eram cidades modernas, com arranha-céus, onde os automóveis percorriam as ruas junto das carruagens e onde a eletricidade dava um aspecto novo¹⁸.

Em outro momento, seis de setembro de 1902, fala com admiração da velocidade alcançada pelo bonde elétrico que liga Chicago a Aurora. “Together with Leme we took the Eletric R. from 52nd st and rode to Aurora 40 miles from Chicago. This is a new road only in use the last two weeks. The cars are splendid and their velocity astonishing. On our last 8 miles we spendd just six minutes! **,”.

De volta ao Brasil, começa a procurar emprego até porque se casa em maio de 1905 e a família começa a crescer ainda este ano com o nascimento da primogênita Helena.

Busca através dos conhecimentos do pai, ainda com algum prestígio político, e do sogro, atividades no porto do Rio de Janeiro (1904-1907) e depois em Belém do Pará (1907-1908). Não descarta nessa ocasião a possibilidade de participar da construção da estrada de Ferro Madeira-Mamoré (no atual estado de Rondônia), só não concretizada pelas dificuldades que seriam impostas à família, agora já com dois filhos. “Recusei cargo oferecido pelo Dr. Catrambry na Estrada de Ferro-Mamoré devido ao seu local, e devido às dificuldades de nela viver com Luluzinha com duas filhinhas Helena, com dezessete meses, e Heloisa, com dois”¹⁹.

* Um espécime do século XX, pachydermatous mammalia – um Elephad Chicagonus (tradução da autora). Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, 1900-1902.

¹⁸ Teatros, cassinos como o de Newport, Rhode Island, haviam sido iluminados com luz elétrica recentemente (1902). Paul Hoffman, no livro *Asas da Loucura*, dá esta informação referindo-se à visita de Santos Dumont aos Estados Unidos.

** Leme e eu tomamos juntos o Elétrico da rua 52 até Aurora, 40 milhas de Chicago. Esta é uma nova estrada inaugurada há duas semanas. Os carros são esplendidos e sua velocidade surpreendente. Nas últimas oito milhas, gastamos apenas seis minutos. (tradução da autora). Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, (1900-1902)

¹⁹ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, escrito em janeiro de 1907.

Há uma busca permanente pelo novo, moderno, progressista, daí a idéia de, uma vez aceito no Observatório Nacional (1909), começar a desenvolver aí um Serviço Meteorológico de previsão de tempo, do qual será fundador.

O tempo era o assunto do dia e ele mergulhou no seu fascínio, deixando tudo registrado em seu diário.

O cinema aparece em destaque durante toda a sua vida. As primeiras referências são no ano de 1910, quando levou Heloísa e Helena ao cinema Kosmos. Durante a permanência na Europa (1913-1914), ele registra quase que diariamente suas idas ao cinema, nomeando os mesmos, mas não relatando nome dos filmes ou dos atores ou diretores.

“Levei Luluzinha ao cinema” – eis a forma consagrada ao longo da vida para dizer da distração preferida e dos locais como Palais d’Etè, Cine Pathé, Metropolitan, Alhambra, Splendid, Royal e Winter Palace, em Bruxelas.

O cinetoscópio, inventado por Thomas Edson em 1888, ganhara o mundo através do cinematógrafo, invento patenteado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière em 1895. Enquanto o primeiro invento era individual, o segundo se desenvolvera com a emoção coletiva da platéia.

As narrativas cinematográficas permitiam muitas formas de tratar o tempo. Passado, presente e futuro se descortinavam sem uma obrigatoriedade da rigidez de um tratamento linear. O tempo parecia ter sido domesticado e aparecia na sua multiplicidade e diversidade. Essa nova realidade fascinava mesmo quando não havia ainda som. O diário registra o alcance desse fascínio exercido desde os anos do início do século até o final de sua vida. No diário de 10 de março de 1925, faz a seguinte referência: “Cinema usual à noite”.

Para um homem tão zeloso de seus afazeres, é possível surpreendê-lo indo a uma *matinée* e muitas vezes voltando ao cinema para uma sessão vespertina.

Entre os anos de 1939 e 1942, os de apogeu do cinema americano, vemos registrados, no diário, filmes como: *E o Vento Levou...*²⁰ (*Gone with the Wind*), de Victor Fleming, 1939; *Ninotcha*, de Ernst Lubitsch, 1939; *A Ponte de Waterloo* (*Waterloo Bridge*), de Mervyn Le Roy, 1940. *Fantasia*²¹, de Walt Disney, 1940;

²⁰ Dia 19 de setembro 1940: “no cine metro de meio dia às 4 horas da tarde”.

²¹ Dia 25 de agosto de 1941: “Fomos assistir a *Fantasia* de Walt Disney no Pathe. Uma maravilha!”.

*Não Estamos Sós*²²; *Tudo Isso e o Céu Também*, com Charles Boyer e Beth Davis²³. *O Mago da Luz*, com Spencer Tracy, *Rebecca*²⁴, de Alfred Hitchcock, 1940; *Uma noite no Rio*, com Carmen Miranda ; *Cidadão Kane (Citizen Kane)*²⁵, de Orson Welles, eleito o melhor filme de 1941. *Como era verde o meu vale (How Green Was My Valley)*, de John Ford, ganhador do Oscar de 1941, e *O Grande Ditador (The Great Dictator)*, importante papel de Charles Chaplin, em 1940.

Esta seleção corresponde a 70% dos melhores filmes veiculados nos cinemas do Rio à época e que ele cuidadosamente registrou com horário e local. Muitas vezes, porém, não se referiu ao filme, ou a direção. Mencionou apenas a assiduidade com que freqüentou o cinema.

3.2

A aviação

A aviação ensaia seus primeiros vôos com a conquista do céu. Sobretudo, na França, há um enorme interesse nas pesquisas e experiências com os balões mais leves que o ar e dirigíveis. Na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos, há entusiasmo pelas conquistas feitas e investimentos individuais visando à construção de uma máquina voadora mais pesada que o ar. Pensados inicialmente como um meio de transporte individual e recurso de exploração e melhor conhecimento da Terra, evoluirão para transporte coletivo e máquina de guerra. Em duas décadas, o dirigível de Santos-Dumont dividirá o céu com os irmãos Wrights, dos balões a gás aos aviões (14 Bis).

Para o sucesso desses empreendimentos que revolucionariam o mundo, encurtando distâncias e dando nova dimensão ao tempo, era necessário desenvolver a meteorologia, ainda em estágio incipiente. Havia muita afinidade nos métodos usados pelos balões em geral e aqueles destinados à previsão do tempo, como o uso de balões-sonda, de observação.

²² Dia 9 de novembro de 1940: “Levei Luluzinha ao cinema Roxy, onde assistimos a bela fita *Não estamos sós*”.

²³ Dia 17 de novembro de 1940: “Levei Luluzinha ao Cinema São Luiz, sessão de 18:30hrs”.

²⁴ Dia 2 de agosto de 1941: “Fomos ao cinema São Luiz”.

²⁵ Dia 7 de março de 1942: “Fomos ver no Pirajá”. Welles esteve por quase seis meses no Brasil tentando rodar o inacabado *It's all true*. O diretor viera, em fevereiro de 1942, para o lançamento de *Cidadão Kane*.

Um caso consagrado na valorização do papel da meteorologia na aviação foi o prêmio Deutsch, oferecido pelo Aeroclube de Paris, em 1901. Santos-Dumont, como concorrente, precisava contar com uma previsão do tempo precisa, pois eram os ventos e as bruscas mudanças atmosféricas seus maiores inimigos nessa imensa aventura. O desafio consistia em, utilizando um dirigível, partir de um ponto determinado, contornar a Torre Eiffel, símbolo da modernidade, e retornar ao ponto de partida em apenas 30 minutos. O tempo atmosférico foi sempre o elemento desafiador e, em grande parte, definidor dos sucessos e desastres na luta pela conquista do espaço.

Sampaio Ferraz já se interessava pela aviação desde 1909, quando o diário registra: “Começamos montando exposição do aeroplano tipo Voisin, motor Gnome, ao lado do Concerto Avenida. Brevemente o Sr. Gastão de Almeida voará neste aeroplano. O Sr. Guimarães, como parte do sindicato a cargo deste, pediu-me tomar conta do arranjo”²⁶.

No diário de 15 de junho de 1910, ele registra: “Eu me lembro até hoje dos seguintes memoráveis vôos aéreos – irmãos Wright (biplano), Blériot atravessou a Mancha (monoplano)²⁷, Lambert circunda a Torre Eiffel com biplano, Paulhan voa de Londres a Manchester com biplano, Hamilton voa num biplano de N. York a Filadélfia”²⁸. Não há referências no diário ao trabalho ou ao sucesso de Santos-Dumont.

Por ocasião de sua viagem a Europa em 1913-1914, registra uma visita ao aeródromo de Berchem para “ver as proezas aéreas de Pegoud, o primeiro a fazer o looping-the loop (boucle)²⁹”.

Quando regressamos da Europa em 1914, e iniciamos os nossos estudos de meteorologia sinótica já prevíamos como muita gente previa – o surto iminente da aviação. Os militares, pela necessidade máxima, preparam-no com engenho e sacrifícios inauditos. Depois, sucederam-se os *raids* temerários, em que os pioneiros abriram caminhos para a exploração pacífica do recurso mais brilhante de locomoção e transporte. Em 1919, fizemos o nosso primeiro apelo às autoridades, numa conferência realizada sob os auspícios do Instituto Técnico Naval. A Aeronáutica batia

²⁶ Diário de 26 de novembro de 1909, em que ele narra uma atividade ligada ao Clube Conservador Republicano, do qual o Sr. Guimarães, seu sogro, fazia parte.

²⁷ Louis Blériot atravessou o canal da Mancha num aparelho mais pesado que o ar em 25 de julho de 1909, pedindo um prêmio de 5.000 dólares ao Daily Mail.

²⁸ A Hamilton Aero Manufacturing, dirigida por um inventor adolescente Tom Hamilton, vendeu o Demoiselle, projeto de Santos-Dumont, sem motor, para uma companhia de Chicago por 250 dólares.

²⁹ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, n. 8, de 9 de novembro de 1913.

à nossa porta e reclamava os serviços de meteorologia. Criado o nosso Instituto Meteorológico de 1921, e diante do progresso vertiginoso da aviação civil no estrangeiro, insistimos sempre junto aos dirigentes, em relatórios anuais, pelo crescente desenvolvimento de nosso aparelhamento, estudos de rotas aéreas, etc. Em 1927, perante o Conselho Diretor do Clube de Engenharia e altas autoridades interessadas, dirigimos novo apelo ao governo, lembrando-lhe o tráfego intenso que aí vem mais depressa que imaginamos. E à hora em que escrevemos estas linhas em pleno 1934, o tráfego intenso se avoluma. Segundo a última estatística do Departamento de Aeronáutica Civil, dirigido pelo infatigável criador – César Grillo, tivemos, no ano de 1933, cinco companhias explorando a aviação aérea com 20.000 quilômetros de linhas de tráfego, 15.341 horas de vôo, 12.750 passageiros e um percurso acumulado de 2.444.853 quilômetros³⁰.

Há referência a uma visita feita ao Almirante Gago Coutinho no Hotel Glória em 2 de julho de 1923, no mesmo dia: “Grande sucesso da Meteorologia no raid naval de aviação Rio-Bahia, hoje concluído com felicidade”³¹.

Esta aproximação foi, provavelmente, responsável pelo registro feito dois dias depois: “Pela manhã, eu, Helena, Heloisa e Amaral, na companhia de Maria Luiza e D. Alice, voamos no avião da Marinha, na Ilha das Enxadas. Pilotou o avião o tenente Paulino Soares. Voei a 1000 metros”³².

Em 8 de janeiro de 1925, faz referência a um trabalho especial para viagem aérea da Cia Latécoère, e no dia 14 do mesmo mês se refere: “a uma ida ao Campo dos Afonsos, ao bota-fora de três aviões Latécoère (linha postal a ser estabelecida), que deverão ir a Buenos Aires”.

3.3 A Meteorologia

Joaquim Sampaio Ferraz não deixou diários no período em que esteve nos Estados Unidos. Deveria ter havido, na medida em que falta o numero oito na sua organização e numeração posteriores. Na qualidade de diretor do Instituto de Meteorologia, participou em 1923 da 11ª Conferência de Meteorologia em Utrecht na área de *weather telegraphyn**. A conferência reuniu profissionais de várias

³⁰ FERRAZ, S. J., *Meteorologia Brasileira*, p. 408.

³¹ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, v. 9.

³² Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, v. 9.

* Previsão do tempo por telegrafo (tradução da autora)

partes do mundo e ofereceu áreas diversificadas de especialização como: Meteorologia Agrícola, Meteorologia Marítima e Telegráfica.

Em meados de 1923, a repartição passa a ocupar o quarto andar do Palácio dos Estados, que vagara depois da Exposição Internacional de 1922, e Sampaio Ferraz muda-se com a família para a Torre Meteorológica da Exposição ³³.

Há referência ao seu trabalho num relatório da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, publicado em 1930:

I have seen the *Boletim de normais* compiled by Sampaio Ferraz, 1922, and the accompanying tables (pp 52-54) for Cuyaba, Corumbá, and Sao Luiz de Carceres are taken from this most valuable publication. Dr. Ferraz's report contains climatological tables for all the stations of Brazil besides Rio de Janeiro. They include data on temperature, rainfall, atmospheric pressure, wind etc... and in no case is the period of observation less than one year. The value is entirely relative, particularly because the total number of years of the various series presented is much too small and the periods different. They are the first of the character of normals to be published, thus permitting an insight into some aspects of the climate of Brazil ³⁴.

O cotidiano do trabalho é difícil e desgastante, os prognósticos para a meteorologia tardam pela lentidão da burocracia, pouco afeita ao desenvolvimento e ao novo.

Apesar do esforço em atualizar-se, das obras publicadas no período, da participação em congressos e de seu diálogo com a comunidade científica, fica o registro no diário da luta constante e desgastante do exercício da profissão.

Em 20 de janeiro de 1923: “Escrevi carta ao Dr. Calmon solicitando-lhe comissão para escrever o tratado da previsão do tempo, reorganizando a biblioteca e cuidando de certas pesquisas, afastando-me da direção da Diretoria da Meteorologia”.

³³ A Torre, hoje demolida, ficava na Ponta do Calabouço, anexo ao Museu Histórico Nacional, instalado aí em 1922. A mudança foi feita em 20 de outubro de 1925.

³⁴ Eu vi o Boletim de normais compilados por Sampaio Ferraz, 1922, e essas tabelas (p. 52-54) para Cuiabá, Corumbá e São Luiz de Cárceres foram tiradas desta importante publicação. O relatório de Dr. Ferraz contém tabelas climatológicas para todas as estações do Brasil ao redor do Rio de Janeiro. Elas incluem informação sobre temperatura, índice pluviométrico, pressão atmosférica, vento etc... e nunca num período de observação inferior a um ano. O valor é internamente relativo, especialmente porque o número total de anos das várias séries apresentadas é pequeno demais e de períodos diferentes. Estes são os primeiros boletins normais publicados, permitindo então um olhar para alguns aspectos climáticos no Brasil (tradução da autora). A expedição foi organizada pelo então Coronel Roosevelt (1914-1916) para estudar a fauna e a flora do estado de Mato Grosso, com a presença de dois especialistas do Museu de História Natural de New York. A autora Mrs. Naumburg foi responsável pelo boletim e deu subsídios para o trabalho de ornitologia.

Em 5 de Fevereiro do mesmo ano: “Conferência com o Sr. Ministro. Não quis atender ao meu pedido de afastamento da Repartição, pois acha que o mesmo não pode prescindir de minha direção justamente no 3º ano do atual governo. Fiz ver-lhe que nesse caso não deveria surpreender-se com o meu provável pedido de licença dado o estado da minha saúde”.

Apesar de todo interesse científico despertado pela Meteorologia, Sampaio Ferraz sucumbe diante das dificuldades financeiras e aceita a direção de uma fábrica de Isoladores Cerâmicos de propriedade dos Rocha Miranda e de um grupo alemão, em Carangola (maio a agosto de 1926). Só voltou à profissão após um ano de afastamento, dificuldades imensas e doença séria (que ele denominou *o grande mal*).

Se a relação profissional como servidor público foi espinhosa pelas dificuldades advindas dos poucos recursos, da inadequação das instalações e do despreparo de grande parte dos funcionários, a escolha da meteorologia alimentou-o de interesse até o final de sua vida.

Uma vez aposentado do serviço público passou a trabalhar como consultor para a Light, fazendo previsões do tempo para suas barragens. Fez também prognósticos de tempo para as regiões atingidas pelas secas do nordeste.

Os diários dos anos 30 começavam invariavelmente com uma descrição minuciosa do tempo. Nos anos 40, a descrição é mais sumária:

27 de janeiro de 1948: “O tempo continua firme e muito quente. A casa está insuportável com o calor armazenado durante este veranico. À tardinha vento a noroeste e à noite relâmpagos nesse rumo e a oeste”.

28 de outubro de 1954: “Tempo bom com muita nebulosidade variando a pouca insolação. Ainda não faz calor. O barômetro baixo mais de dia, porém, reagiu quase tudo à noite – curva desde ontem ligeiramente irregular”.

24 de junho de 1961: “Tempo bom, com neblina variável, porém farta insolação. A pressão foi constante nas 24 horas. A temperatura igualmente Máxima de 26.5° no Colégio Militar e Mínima de 16.8° em Santa Tereza. Ventos normais”.

26 de abril de 1964: “Tempo bom, com neblina variável e regular insolação. A pressão sofreu ligeiro declínio. Ventos normais.” Desta data em diante o registro não será mais diário.

Nos dois últimos anos de sua vida, não há mais prognósticos nem descrições do tempo atmosférico. As descrições do tempo agora sugerem o ritmo do tempo, o alongar e encurtar da vida.

4

O inventário do tempo

E há que ser assim, posto que narrar o tempo não pode envolver a pretensão de encerrá-lo nos limites da obra escrita, e sim assumi-lo como meio, em que se transita e em relação ao qual o começo e o fim não são instantes absolutos, mas, respectivamente paisagem de origem e nostalgia de completude ¹

Como inventariar o tempo? Como perceber o que se passou e como se passou?

“O inventário do tempo” é um capítulo que procura fazer um balanço das relações sociais estabelecidas e evidenciadas no diário, vendo o mesmo como um documento capaz de testemunhar e evidenciar o microcosmo de relações afetivas.

Segundo Ângela de Castro Gomes (2004) o conceito de lugar de sociabilidade é entendido como espaço de constituição de uma rede organizacional, formal, e, como um microcosmo de relações afetivas.

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz, por seu caráter, permite reconstruir as redes de sociabilidade e solidariedade estabelecidas ao longo de sessenta anos. Reflete o mundo deste homem introvertido, descrito do seu gabinete de trabalho, leitura e pesquisa. Reflete o desenvolvimento dos laços de amizade e de parentesco de alguém que viveu por escrito, que registrou o tempo e que buscou controlar sua passagem. Reflete, finalmente, as regras que ordenavam a sociedade do seu tempo, onde as visitas eram freqüentes e submetidas às regras de etiqueta.

A etiqueta, os códigos de bom-tom estimulavam vínculos, o chamado *círculo de relações*. As exigências da polidez às quais nenhuma civilização moderna escapava estavam muito evidentes nas situações descritas no diário, mas, sobretudo, na própria forma de escrevê-lo.

J.I.Roquette considera em seu código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem Viver no Século XIX:

Eis qual é a vantagem da polidez: à força de representar o papel da generosidade, do desinteresse, da abnegação de si

¹ SILVA, F.L., *Tensões do tempo*. In: BERGSON, P., *Tempo e história*, p. 152.

mesmo, consegue ela inspirar estas qualidades; não é a falsidade que nos faz dissimular nossos defeitos senão a vontade de escondê-los².

A escrita do diário traduz essas regras de sociabilidade, vivenciadas pelo autor e que podem passar despercebidas numa leitura pouco atenta.

A sociedade tem sua gramática com leis nada arbitrárias. Conceitos como polidez, civilidade, cortesia e urbanidade constituem um passaporte para um cavaleiro bem criado.

O autor do diário era um homem que conhecia profundamente bem essa gramática, fora educado em bons colégios no Brasil e no exterior. O pai tomara a si o encargo da instrução dos filhos, o que não era excepcional tendo em vista a importância que ela teria para jovens de família tradicional e que viviam como mostra Norbert Elias em *O Processo Civilizador* (1939), em ambientes onde a etiqueta não era um adereço e sim um instrumento fundamental.

Havia necessidade de um código de civilidade que pode ser visto em alguns momentos como sociabilidade.

O diário faz parte do quadro ou é tecido dentro de “uma determinada sensibilidade ritual, uma maquinaria do cerimonial, cujo resultado, além de uma regulamentação de influências e posições, era o controle e a contenção dos sentimentos e da manifestação de sensações³”.

4.1

A família e o pai

Joaquim de Sampaio Ferraz se ressentira da falta de um lar constituído na medida em que era fruto de um casamento muito infeliz, infeliz a ponto de terminar em separação legal de bens e de compromissos, cabendo ao pai, João Baptista de Sampaio Ferraz, a guarda dos três filhos adolescentes. O divórcio do casal ocorreu na última década do século XIX.

Dona Eliza Vidal Leite Ribeiro era mãe de difícil convivência e de preferências acentuadas, optando pela educação dos filhos em regime de internato no país, e depois da separação, no exterior.

² ROQUETTE J. I., *Código do Bom-Tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século*, p. 28.

³ Lilia Schwarcz faz considerações sobre manuais de etiqueta e em especial ao de Roquette, publicado em Portugal em 1845 e que teve vasta aceitação no Brasil Imperial e mesmo depois.

A família foi separada logo cedo. Joaquim foi para a Inglaterra, Mário, Bélgica e Silvia, França. O pai visitava-os no período de férias e recebeu-os de volta em casa alugada mobiliada, provisória como parecia ser a vida em família, sempre em grandes mudanças, deslocamentos e viagens demoradas ao exterior.

Os primeiros diários são exatamente desse período de vida solitária, vivida quase sempre no estrangeiro, em que utiliza o inglês para se expressar, e que demonstra melancolia, que esteve presente ao longo de sua vida sob diversos rótulos: neurastenia, doença dos nervos, taquicardia.

A opção pelo uso da língua inglesa perdura por quase uma década e aparece esparsamente, quase sempre em situações de crise.

O self foi marcado por valores da elite intelectual inglesa, com quem conviveu e com os modelos de sociabilidade bem próprios dos brasileiros do seu tempo, e, sobretudo, do tempo de seu pai, modelo para sua vida.

Uma das intenções do diário foi registrar a sua visão sobre os acontecimentos ligados à sua família. A visão de Sampaio Ferraz sobre ela se aproxima da definição, a esse respeito dada por Michelle Perrot:

“A Família é um ser moral que se diz, se pensa e se representa como um todo. Percorrem-na fluxos que conservam sua unidade: o sangue, o dinheiro, os sentimentos, os segredos, a memória⁴”.

A família é sentida por Sampaio Ferraz, como rede de pessoas e conjunto de bens, é um nome, um sangue, um patrimônio material e simbólico, herdado e transmitido.

Família (ascendentes, descendentes), amigos, companheiros de profissão, médicos e empregados domésticos podem ser acompanhados durante décadas. Podemos perceber momentos de aproximação e momentos de esgarçamento das relações, mais visíveis no trato com a mulher Luluzinha e alguns outros parentes.

⁴ PERROT, M., *A vida em família*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*, v. 4, p. 187.

4.2

O pai



Figura 14 - Retrato de João Baptista de Sampaio Ferraz

A figura paterna (figura 14) sobressai desde o início de suas anotações como o exemplo a ser seguido, o modelo a ser copiado, acima de qualquer suspeita ou crítica.

João Batista de Sampaio Ferraz era um homem com projeção nacional, nascido em Campinas, no interior da Província de São Paulo, formara-se em advocacia e logo se distinguira nas lutas políticas republicanas. Havia assinado a Convenção de Itu⁵ e desenvolvera-se na Promotoria Pública, destacando-se pelo

⁵ Em dezembro de 1870 surge no Rio de Janeiro o jornal *A República*, que publica o *Manifesto Republicano*, texto de referência para os republicanos brasileiros. Defende o federalismo em oposição ao unitarismo do Império, prega o fim da união Estado - Igreja e do Senado vitalício. Essas idéias ganham força em Províncias importantes, como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde são formados partidos republicanos regionais, uma novidade frente aos partidos até então constituídos, de caráter nacional.

João Tibiriçá Piratininga e José Vasconcelos de Almeida Prado, ricos fazendeiros da região de Itu, em São Paulo, e adeptos do liberal-republicanismo, dão início ao processo de organização do Partido Republicano Paulista. Convocam a Convenção de Itu, em 18 de abril de 1873, com 133 convencionais – 78 fazendeiros, 12 negociantes, 10 advogados, 8 médicos e 25 de outras profissões – e fundam o PRP, em 1º de julho, num congresso de delegados eleitos em 29 municípios. Dominado pelos grandes cafeicultores do oeste paulista, o PRP não se define sobre a abolição da escravidão até 1887.

dom da palavra e da erudição. Era um homem enérgico, de grande coragem pessoal, propagandista da causa republicana desde o primeiro momento. Foi escolhido como chefe de Polícia do Rio de Janeiro durante o governo provisório da República, em 1890. Tinha especial apreço pela Inglaterra, onde iria buscar subsídios na Scotland Yard para enriquecer a elaboração de um relatório sobre delito, código penal e organização policial, no final do século XIX. Trechos deste relatório são bastante reveladores da sua maneira de pensar:

Hoje se lamenta Galileu e Giordano Bruno para se reconhecer que a Terra é apenas um planeta secundário do nosso sistema solar – movendo-se no seio dos espaços infintos em face de outras constelações sem número, prodigiosamente maiores e mais importantes.

Na biologia, desde a concepção fantasista da matéria criada, da fixidez das espécies com a interferência do sobrenatural até a explicação positiva da antropologia, atestando que o homem é apenas um elo na cadeia interminável dos seres vivos – regulando-se na sua existência conforme as leis de sua organização; até a verificação de que ele está passivamente submetido às leis gerais da influência física; desde a formação dos mundos pela vontade de Deus, do milagre atestado pelas religiões até o determinismo reconhecido pela fisiologia que teve em Huxley e Claude Bernard os seus grandes mestres; desde a concepção de uma gênese engendrada por um poder misterioso concentrado nas mãos de um ente superior, até o transformismo de Lamarck, generalizado por Darwin nas leis da luta pela vida e da seleção natural, tudo indica que o espírito humano caminha firme e resolutivo, e que, pouco a pouco, do seio da própria Natureza irão saindo as soluções para todos os problemas julgados inexplicáveis... Stuart Mill perscrutador dos fenômenos econômicos, não vacila em aplicar às ciências morais o método positivo que prende as sociedades ao desenvolvimento imposto pelas condições meramente fisiológicas que atuam sobre o homem.

Nas próprias relações de governo entre os povos, aí estão as estruturas democráticas, as libertações das raças oprimidas, as grandes conquistas do bem e do altruísmo, demonstrando o avanço da civilização, com as vitórias obtidas nos domínios da ciência política, o sufrágio universal, a representação das minorias parlamentares e essa numerosa seriação dos postulados modernos⁶.

Era um homem impregnado pelas idéias do seu tempo, pela ideologia do progresso, pelo positivismo e cientificismo; idéias e ideais que certamente contribuíram para a formação do filho.

⁶ Trecho do texto introdutório do relatório apresentado por Sampaio Ferraz ao governo do Estado de São Paulo. FERRAZ J.B., *Do delito, código penal e organização policial na Inglaterra*. In: *Separata da revista do arquivo municipal*, nº CXXVI.

Contemporâneo de Joaquim Nabuco, Sampaio Ferraz compartilhava com ele as idéias liberais, embora o primeiro preferisse o sistema monárquico, e o segundo fosse um propagandista das idéias republicanas.

Joaquim Nabuco, como Sampaio Ferraz, possuía grande apreço pela Inglaterra, tendo visitado por algumas vezes os Estados Unidos. Eles tinham em comum uma observação global do mundo e do tempo em que viveram:

Sou antes um espectador do meu século do que do meu país; a peça é para mim a civilização, e se está representando em todos os teatros da humanidade, ligados hoje pelo telégrafo. Uma afeição maior, um interesse mais próximo, uma ligação mais íntima, faz com que a cena, quando se passa no Brasil, tenha para mim importância especial, mas isto não se confunde com a pura emoção intelectual; é um prazer ou uma dor, por assim dizer doméstica, que interessa o coração; não é um grande espetáculo, que prende e domina a inteligência⁷.

João Batista é um pai interessado, a ponto de assumir a guarda dos filhos após o processo incomum do divórcio⁸ com D. Eliza Vidal Leite Ribeiro, filha do Barão de Itamaramdiba, titular de prestígio do Império.

Há um tom cerimonioso, no diário, nas referências feitas ao pai e mais que respeito, um certo temor em contrariá-lo. No primeiro volume, ele recém-chegado da Inglaterra, mora com o pai em casa de dois andares, alugada na rua São Salvador nº 2, no bairro do Catete. O irmão Mário também mora com eles, no que ele denominou *home*. Discretamente informa que o pai não dormiu em casa ou que chegou muito tarde. Após o divórcio, o pai não tornou a casar-se, mas teve algumas relações extraconjugais e um filho natural. Há sempre referências ao Hugo, meio irmão que freqüentou sempre a casa de Joaquim, mas pouca ou nenhuma informação sobre as mulheres que povoaram a vida do pai. Muitas pessoas freqüentam e compartilham do ambiente doméstico.

A mãe morava sozinha em hotel ou pensão, nunca quis morar com os filhos nem mesmo quando ainda estava casada, preferiu interná-los e concordou, após o divórcio, em passar para o pai a guarda dos filhos.

A busca incessante de Joaquim pelo carinho da mãe aparece desde os dezoito anos e vai se estender por toda a vida. Não há a menor ressonância para com o seu devotamento filial, os pequenos favores que prestava indo ao escritório

⁷ NABUCO, J., *Minha formação*, p.28.

⁸ Michelle Perrot em, *Dramas e conflitos familiares*, informa que o divórcio na França, por volta dos anos 1880, corresponde à treze por mil casamentos.

do Barão de Santa Margarida, seu tio materno, para apanhar dinheiro para D.Eliza ou outras encomendas, caíam no vazio. Ela se manteve sempre distante e cheia de preferências e favoritismos para com o filho Mário e a filha Silvia.

No início de 1900, a rede de sociabilidade é quase que restrita aos familiares, e, quando viajou para São Paulo, foi visitar a fazenda da Serra, de Evaristo Galvão, casado com Bélica, uma tia paterna, em Itu.

Em março, o pai aceitou o convite para abrir em New York um escritório de negócios de café; exportação do produto de seus parentes e conterrâneos para mercados americanos. João Batista de Sampaio Ferraz já conhecia bem aquele país tendo advogado várias vezes em Baltimore, Boston, Filadélfia, entre outros.

Sem nenhum outro comentário, Joaquim narrou que se mudaram para o hotel de França para aguardar o embarque. A viagem foi triangular, Rio, Europa (Lisboa e Londres) e daí para os Estados Unidos (New York e Chicago). Durante a permanência em Londres, há referências a antigas amizades feitas no período em que estivera em Bristol (Merchant Venturer's Technical College – 1896-1899) e referências a um incidente com o pai que os levou a perder o navio para os Estados Unidos.

A permanência de quase três anos fora do Brasil fez de Joaquim um rapaz solitário e retraído e poucos contatos com a família. As correspondências para a mãe eram, muitas vezes, para lhe pedir dinheiro. O grande amigo foi Fernando Paes Leme, amigo para toda a vida, como já dissemos no capítulo anterior.

Faleceu às duas e meia da manhã. A hora que escrevia nesse diário, ontem, já havia morrido (*retificação posterior*) o meu grande companheiro de mocidade, dos tempos de nossa estadia em Chicago, nosso padrinho de casamento (...) Separados por muitos anos, o Fernando na Oeste de Minas, tivemos aventura demais juntos, quando fixou residência no Leme. Foram seis anos aproximadamente de velha camaradagem. Foi um bom e doce amigo, ímpoluto e digno chefe idolatrado de família unida e exemplar.

Depois do meu pai fora meu maior amigo. Ele me queria muito e me enchia de carinho, é o que me conforta. Passei mal o dia, muito acabrunhado⁹.

De volta ao Brasil, Sampaio Ferraz foi trabalhar no porto do Rio de Janeiro como engenheiro auxiliar C.H.Walker & Cia. (1904-1907). Durante este período, ele se casa com Maria Luiza em 5 de maio de 1905 e vai morar com os sogros

⁹ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, de 1960.

Alberto e D. Lulu Guimarães. Ainda neste ano nasce a primogênita Helena, em 24 de dezembro de 1905.

No ano de 1907, ele relaciona as cartas de apresentação, feitas na busca de uma colocação profissional. É uma espécie de livro de assentos relativo a providências tomadas, onde ficam evidenciadas as redes de sociabilidade ligadas ao pai e ao sogro.

Após uma permanência relativamente breve em Belém, num trabalho ligado ao porto, a família volta ao Rio, morando na casa do sogro por longa temporada quando procurou uma nova ocupação dessa feita no Serviço Público.

O pai recorreu aos amigos, parentes e correligionários políticos para obter-lhe um emprego no Observatório Nacional; assistente de segunda classe de meteorologia. Campos Salles, amigo de João Batista, pede ao então Ministro da Agricultura, Rodolfo Miranda, para empregar Joaquim num serviço novo, ainda que inadequado à formação do solicitante.

Segundo Alain Corbin: “A amplitude do apadrinhamento, do sistema de recomendação, em suma, o peso das relações e o intrincado das estratégias familiares contém por muito tempo a ascensão de uma democracia que, mesmo depois do triunfo da República, continuara mitigada¹⁰”.

Esse é um aspecto que o diário explicita com clareza ao longo de toda a vida de Joaquim.

O pai é a figura mais importante de sua rede de sociabilidade e há grande proximidade, admiração e respeito na sua relação. Por ocasião de sua morte Joaquim fez detalhada descrição:

Quatro de março de 1920; Morreu o meu querido Pai. Havia tempo que Papai se queixava de fortes dores anginosas. Domingo passado quando aqui estive, à noite, ainda se referia a essas dores. Luluzinha e Helena convidaram-no para ir ao cinema. Ele não quis ir alegando estar cansado e com as tais dores. As 8h10 procurou-me o Sr..., filho do velho cego, chefe da família da casa da pensão onde há mais de ano morava o pobre velho. Previniu-me que Papai passava mal e que me chamava a sua presença. Vesti-me e para lá corri com Luluzinha. Desgraçadamente encontrei o meu querido Pai morto; havia morrido as 8:30 hrs e eu chegara às 8:40 hrs. Conforme me contaram na pensão (rua. Correia Dutra n 160), Papai jantara bem, mas às 7:30 hrs tinha subido para seu quarto e logo desceu de

¹⁰ CORBIN, S., *O segredo do indivíduo*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*, v. 4, p. 460.

novo, queixara-se de falta de ar e muito mal estar. Chamou o Sr... e pouco depois a Assistência cujo médico Dr. Prado o deu por perdido. Às 8:30 morria suavemente, tendo proferido essas ultimas palavras “Assim morre o Sampaio Ferraz”. O Dr. Prado atribui o falecimento a um edema agudo do pulmão. O Dr. Teixeira de Souza no dia seguinte me disse que Papai devia de ter morrido de uma *angina pectoris* e não de edema do pulmão. Vestindo-o, eu, Hugo o Sr... e o Arthur. Papai morreu na cadeira de balanço da sala de jantar, onde ficou até ser vestido. Colocou-se o seu corpo, de casaca, sobre uma mesa, numa ante-sala, logo depois da sala de entrada. Fui à casa de Mamãe, mas não a consegui acordar. Fui avisar o Eloy e depois fui à casa de Sr. Guimarães. Voltei para junto do corpo as 11 hrs da noite. Às quatro da manhã vim a minha casa mudar de roupa com a Luluzinha. Às 6:30 procurei Mamãe para comunicar o horroroso acontecimento e pedir-lhe recursos para o enterro. Prontamente me deu três contos de reis. Toda manhã, até 11:30 hrs, dei uma porção de passos relativos ao enterramento. Almocei em casa. Pouco depois do meio dia, eu, Lula, Carmem e D. Biluca voltamos para junto do corpo. Passei muito mal com cólicas secas, todo o dia. Às 5 hrs em ponto saía o enterro. Vide retalhos de jornais, sobre o enterramento.

Meus filhos, ao lerem estas notas sobre a morte de seu avô, lembrem-se que o seu pai muito sentiu a perda do progenitor e do amigo ambos exemplares. O seu avô foi um íntegro, um raríssimo caráter, e um pai extremoso. Sigam o seu exemplo; como político, lerão na história de seus feitos e de sua inestimável honestidade¹¹.

Algumas considerações precisam ser feitas sobre esta página do diário:

A preocupação imensa em controlar o tempo, em precisar as horas num dia em que o tempo parece sempre ter outra medida: “às 5 horas em ponto saiu o enterro”. A meticulosidade com o diagnóstico da *causa mortis*; a permanente falta de recursos que o obriga a recorrer à mãe, que prontamente fornece três contos de reis; a existência de diversas formas de arquivamento dos acontecimentos, retalhos de jornal com as notícias do enterro.

Havia a preocupação em deixar o fato registrado para ser lido mais tarde, o seu sentimento e o exemplo deixado pelo pai.

É evidente a dificuldade de se relacionar com terceiros, demonstrada pelo não conhecimento do nome do Sr. da pensão onde morava o pai há mais de ano e que tomou muitas providências na hora da morte de João Batista.

¹¹ Esta página do diário de março de 1920 dá importantes informações sobre os objetivos do autor de ser lido futuramente. Na identificação de alguns personagens aparecem: Eloy Guaycurú de Sampaio Góes, irmão do morto; Hugo, seu filho gerado fora do casamento, e Carmem Kastrup, grande amiga e madrinha da filha caçula, Carmem Maria.

A partir daí e por toda vida ele iria se referir à imensa perda do pai e amigo desaparecido aos 63 anos de idade.

4.3

A mãe e os irmãos

As relações com a mãe foram sempre tensas, conturbadas e insatisfatórias. D. Eliza desenvolvera uma atitude de repulsa para com ele e seus familiares levando a rompimentos sucessivos e a fazer um testamento em 1935 no qual foi deserdado por ela. Após a sua morte, procurou anular judicialmente este testamento que desconhecia até a sua abertura:

Soube por Silvia que a velha deserdou-me em seu testamento. Somente nesta data (23 de Fevereiro de 1951) tomei conhecimento desse testamento... Mandeí ao Nelson de Almeida¹² lista de testemunhas que poderão atestar insanidade moral da velha, e outras que atestam o meu procedimento exemplar, entre 1905 e 1946, enquanto no Rio, sempre sob os meus cuidados quando doente.

A mãe morreu no início de 1951 em São Paulo e ele se deslocou para assisti-la, chegando após a sua morte.

Chegamos a São Paulo com grande atraso – só as 11:30. Branca e as crianças nos aguardavam na estação. Só então soube que Mamãe havia falecido, na véspera, às 22:00. Morreu no Hospital Oswaldo Cruz, onde se achava desde o dia 7. O enterro estava marcado para 13hrs. Mal tive tempo para comer alguma coisa (café e pão) e seguir para o necrotério do Hospital. Mamãe foi enterrada no jazigo perpétuo de Lourdes e Humberto. Os jornais não deram notícias hoje de seu enterro, comparecendo pequeno número de pessoas. O Mário não compareceu ao Hospital nem foi ao enterro, dando-se por doente.

A relação com o irmão foi também bastante conflituosa e distante, apenas a irmã se manteve sempre amiga. A mãe preferiu os dois por terem se mantidos sempre partidários dela e favorecidos por benefícios materiais. Joaquim tomou sempre o partido do pai, e foi penalizado por isto.

O dono do diário é homem reservado e mesmo retraído, só procurando contactos quando viaja com a família para o exterior. Nestas ocasiões procura os representantes do Itamaraty, agentes bancários brasileiros que viajam no mesmo

¹² Dr. Nelson de Almeida foi contratado para mover ação judicial de anulação do inventário deixado por D. Eliza.

navio e ou as donas das pensões onde ficam hospedados criando assim uma rede de solidariedade para sua família.

Como permaneciam longas temporadas nos locais visitados, como em Paris e em Londres, fazem programas com as pessoas dos locais onde se hospedam ou com quem Joaquim trabalhou.

4.4 Os amigos

No Brasil ele estabeleceu pequena mas consistente rede de relações profissionais que ultrapassou o tempo do serviço público e se manteve por muitos anos. Há referências a estes amigos nos festejos de seu aniversário, quando é sempre lembrado e homenageado.

28 de Novembro de 1934 – Meu 52º aniversário. Presenteado por amigos da Meteorologia com jogo de carteiras de foca. Visitado pelas pessoas habituais. A Dedê e Haydée fecharam um negocio sobre a mobília da sala de jantar da última, ficando a mobília antiga da casa de Dedê para a nossa casa. Pelas contas que fizeram ambas fazem o presente.

28 de Novembro de 1940 – Meu 58º aniversário. Presentes recebidos: De Lula [sua mulher] juntamente com Mário – o livro do Wells e Huxley, *The Science of Life*. De Mario e Emita – uma carteira para dinheiro. De Helena, um pincel de barba, de Tatá, duas gravatas, de Haydée, um par de sapatos Cadillac, de Solange (!) uma gravata, do Bitá, o livro *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano* (tradução), de Dedê e Enrique, um anel com o brasão de família (sinete)¹³. Dos amigos da Meteorologia, um jogo de taças de xarão e bandeja. Dr. Miller esteve pela manhã. A Haydée, Solange e Natália passaram a tarde comigo. Natália me trouxe umas balas feitas por ela. À tardinha apareceram Celina, Alsina, Iara, Marina e Diva¹⁴. Antes das 7 horas da noite compareceram todos os filhos.

¹³ O anel foi usado sempre e o mote da família valorizado: Sincero e Firme.

¹⁴ Os amigos da Meteorologia apareceram mesmo já tendo se passado uma década de aposentadoria.



Figura 15 – aniversário de 70 anos comemorado em Resende



Figura 16 – aniversário de 82 anos

O aniversário foi sempre lembrado (figuras 15 e 16) e as manifestações de apreço muito valorizadas, talvez uma compensação dos anos da infância e juventude quando a solidão tinha sido a única companheira. O acompanhamento, no diário, das comemorações ao longo dos anos é bastante revelador na medida em que nenhuma outra data é festejada pela família, nem o aniversário da mulher Luluzinha, nem mesmo o Natal. Ele cultivou a celebração de sua data natalícia, muito embora não houvesse nada preparado para oferecer aos convidados. Em algumas poucas ocasiões aceitou que os filhos fizessem as comemorações em suas casas.

Anotou sempre quem telefonava, que presentes recebia, quem vinha homenageá-lo.

28 de Novembro de 1947 – Meu 65º aniversário. O que mais me admiro é atingi-lo. Enfim, e vai se andando. Felizmente nunca me falta disposição para o trabalho. E enquanto estou por aqui, vou tendo o prazer do seio da família. Ainda hoje tive a enorme satisfação de ver todos os filhos reunidos. Henriquinho e Tatá chegaram de avião, pela manhã hospedando-se conosco. Depois do almoço saíram. Telefonaram-me: Ninita, Lelia, Carmen e Luiz, Armênio, D.Nenê, Dr. Nelson Rego e D. Lair, de São Paulo Cora, Branca, Marina (ex-subalterna e boa amiguinha) D. Esther, Mariota. Recebi telegrama de Sergio e Perico. Telefonaram-me muitos parentes e amigos. À tarde visitaram-me apenas Dr. Miller e D. Esther. À noite compareceram todos.

D. Esther era uma amiga do tempo da repartição pública a quem ele se referia sempre com carinho, valorizando sua competência como bibliotecária. No prefácio da primeira edição de seu livro *Meteorologia Brasileira*, ele agradece o seu apoio; “À digna encarregada dessa dependência (biblioteca), D. Esther Rezende, não sabemos como lhe fazer sentir a nossa gratidão; com paciência e zelo inexcedíveis, foi ela, incontestavelmente, a nossa maior coadjuvante”.

Já no final da vida descreve seu 80º aniversário da seguinte forma:

Haydée veio buscar-me com o George para a missa na capela de São José, rezada em ação de graças pelo meu 80º aniversário. Lá compareceram de São Paulo: Eduardinho e Isabel, e o Rinaldi. Do Rio: Memeno, Hermínia, Beatriz, D. Elza, D. Maria Luiza, todos os filhos, genros, noras, netos e bisnetos.

Da capela seguimos para o apartamento da Haydée onde se realizou, com grande êxito, o cock-tail em minha honra, festa que me encheu de satisfação – com todos da família. Fui muito presenteado por filhos e netos.

Cantaram impressionante Happy Birthday to You, que me trouxe lágrimas aos olhos¹⁵.

Os amigos são poucos, mas a rede de sociabilidade familiar é aumentada com a inclusão dos parentes de Henrique Bastos Filho, segundo marido de sua filha caçula Carmem. São os amigos de São Paulo que freqüentam sua casa no Rio e fazem parte de seu universo de relações quando vai à capital paulista, durante longo período, por conta do trabalho desenvolvido para a Light. Entre eles, se destacam D. Branca Malta, irmã de Henrique Bastos Filho, a quem devotou especial atenção, seus filhos, Cora e Hildeu Malta, sua irmã Henriqueta Bastos Thompson, e os amigos Dr. Nelson Rego, casado com Lair, e Dr. Cícero Monteiro de Barros, filho adotivo do casal Henrique Bastos e Cândida.

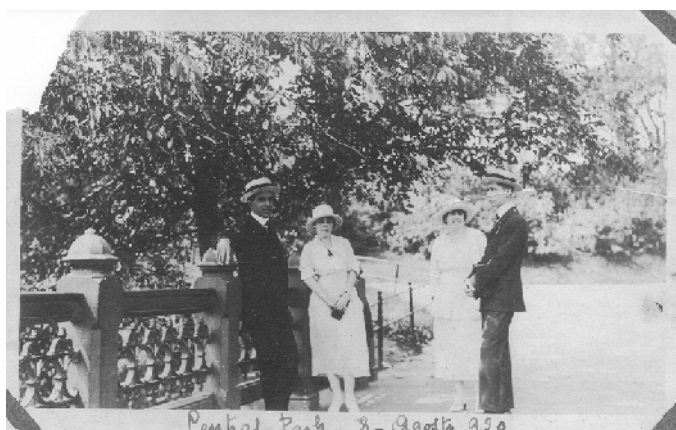


Figura 17 – Central Park, New York, 1920

Havia conhecido Dr. Nelson Malta e sua esposa, D. Branca, nos Estados Unidos (figura 17) e reataram a antiga amizade quando a filha Carmem casou-se com Júlio Havelange e foi morar em São Paulo. D. Branca apoiou-a e se reaproximou do casal. Foi por seu intermédio que Carmem conheceu seu segundo marido, Henrique Bastos Filho, tornando-se cunhada da antiga companheira de viagem dos pais.

¹⁵ O 80º aniversário foi festejado em 1962, na casa de Haydée, na Praça Eugenio Jardim 34, apt. 502, Rio. Ela já havia oferecido um grande almoço comemorativo dos 70 anos em Resende, na fazenda do Castelo, da propriedade de seu marido, Doliva Marcondes Godoy.

De 30 de Setembro a 22 de outubro de 1941 em São Paulo. Ficamos muito satisfeitos com a pensão. A nossa vida se passou quase toda na casa da Branca. Esta amiga, na sua viuvez, dedicava-se a mim como outrora se dedicava minha mulher, o que desta há muito não recebo, dela ganho. Infelizmente estamos separados por distância e convenções. Sem o desejar, incluiu-me para quem procura suavizar a minha triste velhice. Ainda uma vez Branca mostrou o quanto quer bem ao seu amigo, desinteressadamente.

O diário registra com frequência a correspondência trocada entre eles assim como os telefonemas regulares entre Rio e São Paulo. A correspondência foi sempre o seu forte. Escrevia para parentes, amigos e para a comunidade científica, embora não haja como resgatar toda esta documentação perdida. Sampaio Ferraz viveu por escrito, procurou reter, através da escrita, a vida nas malhas do tempo.

4.5 Os empregados domésticos e vizinhos

Os empregados domésticos, ou os serviçais, como ele os intitulava, constroem uma rede em torno da família: primeiro os da casa do sogro onde moraram os primeiros anos; depois, os que acompanharam a Europa em 1913, ajudando-os numa vida assoberbada pelo trabalho e pelas crianças já numerosas (quatro: Helena, Heloisa, Alberto e Haydée); e os da maturidade e velhice.

Para além da parentela, há um terceiro círculo: os empregados domésticos e a vizinhança, ambos ilustrando claramente a diferenciação espacial no cenário privado. Há, porém, um traço em comum: nos dois casos, têm-se a consciência de um limite, e até de um perigo. Segundo Michelle Perrot, “os criados e os vizinhos servem e ajudam a família, mas sua presença e observação constroem e ameaçam a intimidade. Convém utilizar seus serviços, mas ao mesmo tempo desconfiar deles¹⁶”.

No período de Bruxelas o diário se refere a uma cozinheira e de forma nada recomendável. “Set 8. Pusemos para fora a nossa cozinheira Elizabeth – velha solteirona levada do diabo. As criadas de um modo geral são solteiras e em tese não devem ter amantes, maridos ou filhos daí a curiosidade sobre o significado do *levada do diabo*...”.

De todas as referências que o diário faz aos empregados domésticos, destaca-se a figura ímpar de Natália de Freitas, moça sergipana que entrara para

¹⁶ PERROT, M., *Os atores, a vida em família*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*.

casa dos sogros por ocasião do nascimento de Haydée, tornando-se sua ama por longa temporada. Foi a companheira incansável em Bruxelas, ficando sozinha com as crianças quando o casal precisou se ausentar para pequenas viagens de trabalho ou passeio. Durante oito anos foi a dedicada auxiliar na labuta com as crianças que agora já eram seis quando ela os deixou (18 de janeiro de 1920).

Em 8 de maio de 1940, o diário registrou uma viagem de Joaquim a Santos para procurá-la: “Eu e Lula procuramos a Natália com uma proposta de Haydée. Endereço de Natália – 415 Rua Bernardino de Campos (Santos). Natália apenas mudou no que os anos reclamam – cabelos ralos e grisalhos, mas está gorda e mantém a mesma fisionomia de 20 anos atrás”.

A proposta era para ela ficar alguns meses com a criança que Haydée estava esperando e que nasceria em setembro, Solange.

30 de setembro de 1940 – “Natália chegou hoje de manhã de São Paulo. Amanhã entrará de serviço. Luluzinha irá buscá-la na rua Barão de Guaratiba 108, onde se acha”.

Natália veio e ficou por 21 anos...

Em carta escrita para a neta Solange, quando esta tinha apenas três meses, Joaquim deixava transparecer o seu carinho e reconhecimento por Natália ao afirmar:

É para te dizer que sentimos a tua falta com a ausência do teu sorriso e dos acenos de teus bracinhos...

É também para te dizer como deves estar feliz ao lado de tua Mãe, de teus tios e primos, mas, sobretudo, ainda que temporariamente, a sombra do trato solícito, brando e carinhoso de tua primeira ama, a mesma que, com iguais virtudes, criara a tua Mãe... e como!

Sussurro aos teus ouvidos, ainda fechados à compreensão, mas abertos, como os olhos teus, à intuição e à linguagem do amor puro e desinteressado – guarde bem no coração a imagem dela. A memória de tal dedicação será a inspiração de tua vida.

Os vizinhos foram vistos muitas vezes como ameaça à privacidade, apenas Carmen Kastrup comungou da intimidade da família, estando presente na hora dos nascimentos e da morte. Foi amiga e companheira do casal.

21 de Fev. 1916 – Nasceu Mário às 7:50 da manhã. Luluzinha começou a perder as águas às 5:00 da madrugada. Às 7hrs chegava o Dr. Emydio Cabral (assistente da Maternidade) parteiro indicado pelo Fernando (Magalhães), seu chefe. O parto foi o mais feliz dos que Luluzinha tenha tido. Uma maravilha! A Carmen Kastrup esteve presente e ajudou muito em tudo. Papai esteve à noite.

4.6

Os Rocha Miranda

A família Rocha Miranda constitui um ponto especial na rede de sociabilidade e solidariedade especial, rede de acolhida e aliança. Eram parentes de Luluzinha na medida em que seu pai Alberto Fonseca Guimarães era irmão de Albertina, casada com o Dr. Luiz da Rocha Miranda. Construíram sólida amizade cujos laços resistem após quatro gerações.

A dificuldade financeira para prover o sustento de família numerosa fez com que Joaquim recorresse à família Rocha Miranda para obter empréstimos, empregos para ele e para os filhos e educação para os afilhados. (Helena, a primogênita, era afilhada e sobrinha de Sr. Luiz da Rocha Miranda e de sua mulher D.Nenê, e de Haydée, eram padrinhos, Otavio da Rocha Miranda e Lulú . Ele era filho do primeiro casal).

O diário relata minuciosamente o convite aceito por Sampaio Ferraz para trabalhar em uma fábrica da família em Carambola. E relata também a entrada dos dois filhos, com menos de dezoito anos, para empresas do mesmo grupo. Atesta a presença constante destes parentes, nas celebrações e nos momentos de crise, sobretudo quando se desligou do serviço público e precisou contar com uma moradia que ocuparia por trinta e três anos, à rua Alberto de Campos 106, em Ipanema¹⁷.

4.7

Os médicos ligados à meteorologia interna da alma

A rede de sociabilidade ligada à grande e variada equipe de médicos que os assistiu é reveladora da importância dada ao acompanhamento em momentos de doença e da frequência com que eram chamados, ainda que para isto fosse necessário contrair dívidas para os pagamentos.

¹⁷ A partir daí, Joaquim passa a trabalhar em casa, construindo um escritório externo em cima da garagem. Essa disposição faz com que o espaço público e o privado muitas vezes se confundam. Sair para o trabalho significa deixar o corpo principal da casa e, subindo uma escada externa, chegar ao escritório. As visitas profissionais ou da família podem ocorrer nos dois espaços. Já havia acontecido anteriormente a coincidência dos espaços privado e público, quando a família morou na Torre de Meteorologia, junto ao Museu Histórico Nacional. Naquele período, a repartição ocupava um andar e a moradia, o outro.

Os partos dos sete filhos são descritos minuciosamente, sempre com a presença do médico ou da parteira, e sempre com o acompanhamento interessado de Joaquim. Ocorrem em casa, no quarto do casal.

O nascimento é um ato rigorosamente privado e feminino, inclusive enquanto objeto de relato e de memória, tema incansável das conversas entre as mulheres. O aposento comum, ou no máximo o quarto do casal, é o teatro em que ele se desenrola, do qual estão excluídos os homens, à ressalva do médico, que, com a medicalização do parto, passa a ser uma presença cada vez mais assídua à cabeceira da clientela abastada... Dar à luz no hospital é sinal de pobreza, e principalmente de vergonha e solidão, para lá vão as mães solteiras, que se dirigem à cidade para dar luz, antes de sofrerem um eventual abandono... Só se efetivará uma mudança no entreguerras, e mesmo assim tímida, a princípio em Paris e nos meios mais evoluídos, preocupados em evitar um índice de natimortos dos mais altos da Europa¹⁸.

A afirmativa é de Michelle Perrot referindo-se à realidade da França, mas não da nossa.

A doença das crianças próprias de sua idade ou não, a gripe espanhola, os achaques da família ocupam parte das páginas do diário.

O interesse não se limita ao círculo restrito da casa paterna, mas vai se expandindo chegando a assumir a orientação do tratamento de genros e noras e, mais tarde, de todos os netos.

Fernando Magalhães, Miguel Couto, Fábio Carneiro de Mendonça, Juliano Moreira, Aauto Botelho, Salles Guerra, Emydio Cabral, Agenor Porto, Lourenço Jorge, Fernando Paulino, Nelson Cotrim e Cruz Lima são nomes que aparecem com frequência no diário; são nomes que serão consagrados no futuro, mas que apontam para um atendimento médico bastante individualizado.

A qualquer problema mais de um médico é chamado, são tecidas considerações sobre o diagnóstico e prescrições feitas e nem sempre seguidas.

Os relatos mais contundentes são os de seus longos períodos de insônia, angústias, ansiedade, desânimo, estafa, depressão. As causas buscadas são sempre físicas e, como tal, devem ser tratadas: duchas escocesas, injeções fortificantes e outras mais.

Ele jamais relacionou suas doenças psíquicas às grandes crises existenciais, como foi o caso do *grande mal*, como ele denominou no período em que

¹⁸ PERROT, M., *Figuras e papéis*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*, v. 4, p. 152.

trabalhou tentando equilibrar o funcionamento da fábrica de Carambola. A segunda grande crise o levou a uma internação na Casa da Gávea por ocasião do seu pedido de aposentadoria.

Também não identificou, em momento algum, o motivo da crise prolongada de angina pectoris, diagnosticada, mas nunca comprovada, após ter tomado conhecimento do teor do testamento deixado pela mãe que o deseritava.

Todos esses dados remetem para algo maior e mais profundo que foi conceituado por Corbin como cenestesia interna ou meteorologia interna da alma. “Deve-se entendê-la como uma percepção interior do corpo, ou melhor, o conjunto das sensações orgânicas, cuja tradução no comportamento, segundo Cabanis, constitui os instintos¹⁹”. Poderíamos definir cenestesia como as impressões sensoriais internas do organismo que formam a base das sensações; ou ainda como a sensação que o indivíduo experimenta, consciente de sua existência.

Ao longo de todo o século, os especialistas mostraram-se convencidos da extrema influência de um inconsciente, percebido como “obscuro rumor das funções viscerais, de onde emergem, intermitentemente, os atos de consciência” (Jean Starobinski²⁰). A personalidade aflora já completamente armada de dentro deste inconsciente. O gênio de Freud não estará absolutamente em descobrir que vastas zonas do sujeito escapam à consciência e contribuem para determinar a atividade mental, mas em arrebatá-la à vida orgânica o monopólio do inconsciente para instalá-lo no próprio aparelho psíquico.

A importância então atribuída à cenestesia valoriza um certo modo de escuta do corpo, que não é nossa. Inspirado pela persistência de um neo-hipocratismo vulgarizado, que enfatiza os efeitos do ar, da água e da temperatura, o indivíduo espregueia a influência do tempo e da estação sobre a facilidade e o ritmo da respiração, sobre a intensidade do reumatismo ou a estabilidade do humor, desta forma desenvolve-se uma espécie de meteorologia interna da *alma*. Empreende-se igualmente uma atenta escuta do desenvolvimento das funções orgânicas e suas repercussões no plano mental, vigilância permanente que privilegia a análise da fisiologia digestiva e do ciclo menstrual, perturbado pela frequência de disenterias e doenças ginecológicas. Esta vigília baseia-se na doutrina dos temperamentos – Bilioso, linfático, sangüíneo, nervoso – cuja persistência e adaptação permanentes Théodore Zeldin²¹ demonstra, com razão, a despeito da teoria dos humores ter caído em descrédito.

Constrói-se assim, no cotidiano, um grosseiro sistema de imagens da saúde física e psíquica, que permite gerar

¹⁹ CABANIS, J., *Michelet, le petre et la femme* Paris, 1978.

²⁰ STAROBINSKI, J., *Brève histoire de la conscience du corps* Revue française de psychanalyse, 1981.

²¹ ZELDIN, T., *Histoire des passions françaises*, 1848-1945, v.1.

comportamentos individuais, elaborar estratégias com relação aos outros. A leitura de documentos íntimos evidencia que tais preocupações formam a própria textura da vida privada²²”.

O diário, com todas as informações que privilegiou a respeito da saúde ou da falta dela, significou uma forma de registro da meteorologia interna da alma. Registrar minuciosamente o que se passava consigo mesmo e com os seus era como registrar suas considerações meteorológicas.

Mas vale a pena acrescentar que se poderia admitir como uma outra a hipótese a ser desenvolvida, a de ser o diário uma fonte do *saber cotidiano*. Agnes Heller (2002) conceitua de *saber cotidiano* o saber veiculado pelas gerações adultas, transmitido de geração em geração.

No nosso caso, o diário faculta o saber cotidiano de um núcleo familiar, valores explicitamente colocados para serem seguidos, valores que foram perpetuados para as gerações futuras de seus descendentes. Revela também o pensamento destinado a resolver os problemas cotidianos.

O conteúdo do saber cotidiano é a soma dos nossos conhecimentos sobre a realidade que utilizamos efetivamente na vida cotidiana de forma mais heterogênea; existe uma soma mínima de conhecimentos indispensável à sobrevivência do homem, como a língua, os usos elementares, as representações coletivas comuns em seu ambiente. Há modificações sensíveis de geração para geração e o diário nos possibilita perceber valores e registrar mudanças. É certo que o diário reflete um saber cotidiano específico de uma época e de um estrato social. O conhecimento cotidiano é muito mais do que um código de bom tom, e, neste caso do diário, ele perpetua valores de um grupo familiar, transmitidos pelo autor aos seus descendentes. São os valores do passado, muito mais que os contemporâneos, uma vez mudanças vêm ocorrendo com grande velocidade.

As gerações adultas constituem o principal veículo do saber cotidiano. No caso, o diário é um instrumento de veiculação deste saber ainda que voltado para o passado.

Soma-se a este o saber pessoal que surge da necessidade e das experiências pessoais e tem larga abrangência, não se limitando apenas aos limites do autor.

²² Alain Corbin desenvolve a idéia de: meteorologia interna da alma, que usei ao desenvolver o trabalho.

Nesta medida, o diário reflete o saber pessoal do autor e do grupo social ao qual pertence.

Gostaria de ressaltar que Joaquim de Sampaio Ferraz apesar de ter vivido sempre com muitas dificuldades financeiras, de nunca ter tido casa própria ou automóvel, de ter lutado para dar instrução aos filhos numerosos, nunca poupou esforços para pagamentos médicos e boa e cuidada alimentação.

O fato de ter nascido de família abastada por parte da mãe, e de ser o pai um homem que gozava de prestígio social, fez com que ele pensasse a vida com um olhar de homem remediado, que se permitiu sempre que possível viajar, ter acesso a bons entretenimentos e boa biblioteca.

As contas que o preocuparam permanentemente não o levaram a abrir mão de seus livros que o acompanharam desde a juventude.

5 Conclusão

Aquele que vem ao mundo, constrói uma nova casa
Parte e a deixa a outro
Este a arrumará a sua maneira
E ninguém acaba nunca de construí-la.
Goethe

Sobre a intenção de Joaquim de Sampaio Ferraz de fazer o diário, nos parece, hoje, depois de demorada reflexão, que consistia na construção de um retrato retocado de si mesmo que deixava para os filhos e os netos, na certeza de ser lido após a sua morte.

Neste sentido foi “um homem lapidário de si mesmo”, na medida em que se esforçou para construir uma determinada imagem de si¹. O lapidário de si passa a vida construindo um ou mais documentos que possam dar conta da difícil tarefa de deixar registrada para a posteridade o que julga necessário para garantir a perenidade de sua auto-imagem.

Sampaio Ferraz, em determinadas circunstâncias, transcreve partes importantes do seu diário e envia para os filhos, Mário e Alberto, com a seguinte justificativa: “No Diário talvez lessem, e só depois de minha morte... Ambiciono-lhes a solidariedade ainda em vida. Não há mérito nesta e em outras atitudes. É uma questão de cromossomos. Papai²”.

Ele demonstra de forma inequívoca que pretende ser lido e, mais do que isto, ser entendido e valorizado em suas atitudes.

Outro aspecto não levantado na ocasião em que desenvolvi as hipóteses do trabalho foi a compreensão de que o diário registra o conteúdo de um saber cotidiano.

¹ MATTOS, H. M e GRINBERG, K., *Lapidário de si: Antonio Pereira Rebouças e a escrita de si*, p. 27. As autoras transcrevem as palavras de Enéas Pereira Dourado em nota biográfica sobre “O velho Rebouças”, publicadas no *Diário de Notícias* de 26 de agosto de 1926.

² A página do diário foi escrita em 25 de junho de 1953 e copiada para os filhos homens no mesmo dia e encaminhado no dia seguinte. O texto do diário referia-se ao julgamento de um recurso que fizera relativo ao testamento de sua mãe, no qual havia sido deserdado.

Segundo Agnes Heller (2004), existe um mínimo de saber cotidiano; a soma dos conhecimentos que todo sujeito tem que internalizar para poder existir e mover-se no espaço em que vive. Ela se refere ao conhecimento da língua, os usos elementares, os particulares e as representações coletivas normais em seu ambiente.³

A obrigatoriedade de conhecimentos cotidianos é bastante relativa a uma determinada época e local, mas pode ser considerada como patrimônio de quem os possui e transmite ao seu grupo familiar, social. O saber cotidiano que o autor do diário teve que internalizar foi além da sua língua pátria, pois muito cedo começou a se expressar em inglês e o manteve por muito tempo como língua mais utilizada para a escrita, inclusive depois de ter voltado a morar no Brasil. Também o ambiente em que viveu foi bastante modificado quanto ao espaço: no Brasil, no Rio de Janeiro, no final do Império e início da República, na Inglaterra vitoriana e nos Estados Unidos, na virada do século XX.

Os diários registram, além da rotina da vida, um saber cotidiano ligado às preocupações com a saúde, aos partos da mulher, à infância, às crianças, e a todo um procedimento em relação aos cuidados que deveriam ser tomados. Registram também um código de conduta quanto aos aniversários que deveriam ser lembrados, aos casamentos e às mortes que deviam contar sempre com a presença e solidariedade do autor.

Segundo Michelle Perrot o cotidiano,

por essência banal, assume valor positivo se as ninharias que o compõem são convertidas em ritos dotados de uma significação sentimental. É assim que a dona da casa, reunindo a família em volta da mesa em horários determinados, é apontada como a melhor agente de felicidade: ela rege o ritmo do tempo privado, imprime-lhe uma regularidade e preside a sua execução⁴.

Outro ponto que julgo importante sublinhar na conclusão é a presença permanente da censura por parte do autor sobre seu personagem e sobre os temas eleitos para serem perpetuados pelo diário.

Raramente ele emite algum tipo de juízo de valor sobre a mulher, os filhos, os amigos. Quando o faz, é muito comedido com as palavras. É muito econômico no adjetivar. A censura só é vencida em momentos de emoção ou de indignação.

³ HELLER, A., *Sociología de la vida cotidiana*, p.526.

⁴ PERROT, M., *Ritos da vida privada*, os atores, p. 194.

Prevaleceu sempre o sentido de intimidade, de introversão, de segredo. Embora não reste dúvida da intenção do autor em ser lido. Permaneceu sempre uma aura de mistério, de segredo em torno do diário.

Uma das hipóteses levantadas é a da intenção clara da importância dada ao controle, controle da vida, controle do tempo, controle das emoções. Não basta registrar o que ocorreu, mas quando ocorreu. Não basta registrar a sua vida, mas a vida de todo o grupo familiar. Para isto, não são poupados os recursos de comunicação disponíveis, telefonemas diários, farta e freqüente correspondência sobre a forma de cartas, telegramas ou mesmo bilhetes.

O tempo, o prognóstico e a previsão do tempo são aspectos próprios do diário de um meteorologista. Nos últimos vinte anos de sua vida, o tempo de sua vida e o tempo atmosférico ocuparam parte significativa de seus relatos diários. Informações meteorológicas são cotejadas com os dados publicados nos jornais e com os mapas do tempo e a leitura dos instrumentos instalados na sua casa. Mesmo em férias, em Petrópolis, ele mantém as informações e, certamente, leva parte do equipamento para a casa de veraneio alugada. A leitura do tempo é feita à noite, quando é escrito o diário.

Assim como outros cientistas contemporâneos ou de geração que precedeu a sua, ele cria nos diários espaços de informação sobre o estudo dos fenômenos atmosféricos.

Gostaria de citar o exemplo de Charles Darwin que, tendo mandado um diário sistemático e em fascículos para a sua família durante sua longa viagem (cinco anos, de 1831 a 1836) à América, África e ao Oriente, viabilizou o conhecimento do seu trabalho na medida em que o mesmo ia se desenvolvendo.

Outros exemplos interessantes são os diários da tripulação do *Endurance* e a lendária expedição de Shackleton à Antártida em 1915. Tanto os navegadores como a tripulação tinha o hábito de escrever diários, fato que possibilitou o maior aprofundamento sobre o ocorrido. Segundo Michel Pollak: essa tipologia de discursos, de silêncios e também de alusões e metáforas é moldada pela angústia de não encontrar escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos⁵.

⁵ POLLAK, M, *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos históricos*, v.2.

Sampaio Ferraz esperou estabelecer essa escuta a partir da primeira geração, o que realmente ocorreu. A filha, Haydée, foi a guardiã, incumbindo-se da preservação dos diários por mais de trinta anos. Eu, sua neta, sensibilizada pela minha mãe, trabalhei a partir da escuta para elaborar minha dissertação de mestrado.

Diários funcionaram como uma escuta do dito, do não dito, do silêncio, das zonas de sombra, das fronteiras do dizível e do confessável e inconfessável.

O silêncio para ser rompido precisa de uma escuta, para se poder relatar sofrimentos, drenar angústias. A escrita de si preencheu esse papel durante quase dois séculos, hoje um novo fenômeno eclodiu através dos blogs (comunicação e escrita íntima na Internet).

Enquanto no passado os diários significavam uma escrita de si reservada, sempre tiveram a função de desabafo, agora temos os blogs que são uma espécie de diário on-line, em que você fala para todo o mundo e para ninguém especificamente.

O seu conteúdo é bastante variado, desde a busca de um diálogo amplo sobre atualidade até a revelação de segredos, problemas de saúde, sinônimos de solidão, que passam a ser drenados de forma ampla, em que o autor se comunica com um imenso público. Os acontecimentos políticos são assuntos que possuem também bastante ressonância e os blogs do tema funcionam como um relato jornalístico informal.

No dizer de Meg Guimarães, autora de um dos blogs mais “linkados” do país, o Sub-Rosa, o blog hoje é a maior das vertigens de subjetividade⁶.

Há muito preconceito a respeito desses diários on-line muitas vezes definidos como de autoria apenas de adolescentes ou frutos de modismo passageiro.

Já começam a aparecer trabalhos sérios sobre o assunto como é o caso da dissertação de mestrado em Comunicação na UFRJ de Denise Schittine, *Blog: Comunicação e escrita íntima na internet*, publicada no ano passado pela Civilização Brasileira. O ineditismo de Denise está em cruzar algumas correntes, como a do individualismo e a do voyerismo em nossa época, extrapolando suas consequências para a internet. Para ela, o blog remonta à evolução da família

⁶ Artigo sobre blogs publicado no jornal O GLOBO de 20 de Maio de 2002.

burguesa que inventou o corredor, os quartos, a sala de visitas, e que consagrou a individualidade crescente, do walkman ao computador, uma máquina que pode ser usada por uma pessoa de cada vez e só. Ao mesmo tempo, o desejo de sociabilidade, inerente ao ser humano, trataria de empurrá-lo para a interação, para a internet e para os blogs.

O diário, considerado como objeto de estudo de História Social, ajuda a explicitar o processo de individualização da modernidade, e vai poder auxiliar a compreensão da tensão entre as duas dimensões do individualismo moderno, o social e o singular.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução J.Oliveira Santos, S.J. e A, Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2004.
- ABREU, R., CHAGAS, M. (Orgs.). Introdução. In: **Memória e patrimônio**. Ensaaios contemporâneos. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.
- ALEXANDER, C. **Endurance. A lendária expedição de Shackleton à Antártida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ALLEGRO, M. I. **O tempo das mulheres**. Lisboa: Martins Fontes. [197-?].
- BORNHEIM, G. Conceito de Tradição. In: **Tradição/Contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987.
- BURKE, P. (Org). Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história - novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CASTRO, C. O diário de Bernardina. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CASTRO, R. Hollywood. In: LABAKI, A. (Org). **Folha conta 100 anos de cinema; ensaios, resenhas, entrevistas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. **A história cultural; entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CORBIN, A. O segredo do indivíduo. In: PERROT, M. (Org.) **História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 1991. 2 v.
- CABANIS, J. **Michelet le prêtre et la femme**. Paris: Gallimard, 1978.
- D'ARAÚJO, M. C. O fio da meada no Diário de Vargas. In: **Estudos históricos**. n XVII. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

DESMOND, A.; MOORE, J. **Darwin, a vida de um evolucionista atormentado**. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 1991.

DIDIER, B. **Le journal intime**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

FERRAZ, J. S. **Meteorologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica Brasileira –Brasiliana, 1945, 33 v.

_____. **Instruções meteorológicas**. Bruxelles: L'Edition D'Art Gáudio, 1914.

_____. **A Previsão do tempo, baseada em observações locais**. Rio de Janeiro: Oficinas tipográficas do Serviço de Informações do Ministério da Agricultura, 1926.

_____. **A Aviação e a meteorologia no Brasil**. Rio de Janeiro, Oficinas tipográficas do Serviço de Informações do Ministério da Agricultura, 1928.

FIGUEIREDO, B. G. Memorialistas e as idéias de civilização no Brasil: Diário íntimo e a minha vida de menina. In: **Portugal-Brasil: memórias e imaginários**. Congresso Luso-Brasileiro Actas. Lisboa: 2000. 2 v.

FREYRE, G. **Ordem e progresso**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.

_____. **Casa-grande & senzala**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.

GOMES, A. C. (Org.). Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GINZBURG, C. **Olhos de madeira; nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GRINBERG, K.; MATTOS, H. M. Lapidário de si: Antonio Pereira Rebouças e a escrita de si. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUMBRECHT, H.U. Cascatas de Modernidade. In: **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1998.

HELLER, A. **O Cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona, Biblioteca Ágnes Heller Ediciones Península, 2002.

HEYMANN, L. Q. **Indivíduo, memória e resíduo histórico**: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. Estudos Históricos. n XIX. Rio de Janeiro: 1997. 10 v.

HOFFMAN P. **Asas da loucura** - A extraordinária vida de Santos-Dumont. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KERN, S. The nature of time. In: **The culture of time and space**. Cambridge (MS): Harvard University Press, 1983.

KOSELLECK, R. **Le Futur Passé-Contribution à la sémantique des temps historiques** Paris: Editions de L'Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.

LE GOFF, J. *Memória e história*. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986. 1 v.

LEJEUNE, P. Comment Anne Frank a réécrit le Journal. In: LEJEUNE, P. (Org). **Le journal personnel** (Collection RIT). Paris, Université Paris X, 1993.

LEVILLAN, P. Les protagonistes de la biographie. In: RÉMOND, R. **Pour une histoire politique**. Paris, Ed. Seuil, 1988.

LOWENTHAL, D. **How we know the past in the past is a foreign country**. New York: Cambridge University Press, 1988.

MAGALHÃES, J. V. C. **Diário íntimo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MUAD, A., M.; MUAZE, M. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MELLO, E. C. O fim das casas grandes. In: ALENCASTRO, L.F.(Org.), **História da vida privada no Brasil**., São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MOREIRA, R. L. **Os diários pessoais e (Re) construção histórica**. In: **Revista estudos históricos**, n 17. FGV Editora, 1996.

MORLEY, H. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NABUCO, J. **Minha Formação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1934.

NAUBURG, E. M. B. **The birds of Matto Grosso, Brazil**: a report on the birds secured by the Roosevelt-Rondon expedition. Bulletin of The American Museum of Natural History, v. LX, 1930.

NEVES, M. S. As artes da memória: a modo de postscriptum. In: **Refúgios do eu**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

PERROT, M. Os atores, a vida em família. In: PERROT, M. (Org.) **História da vida privada**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia das Letras, 1991. v. 4.

POLLAK M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos históricos, n III, 1989, 2 v.

ROQUETTE, J.I. **Código do bom-tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SAMPAIO, F. **Do delito, código penal e organização policial na Inglaterra**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1949.

SCHTTINE, D. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, F. L. Bergson, Proust -Tensões do tempo. In: **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Culturas, 1992.

STAROBINSKI, J. **Brève histoire de la conscience du corps**. Revue française de psychanalyse, 1981, 2.

TAUNAY, A. E. **Subsídios para a biografia de Sampaio Ferraz**. São Paulo: [s.n.], 1952.

ZELDIN, T. **Histoire des passions françaises, 1848-1945**. Paris, Encres, [1978 ou 1979].

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)